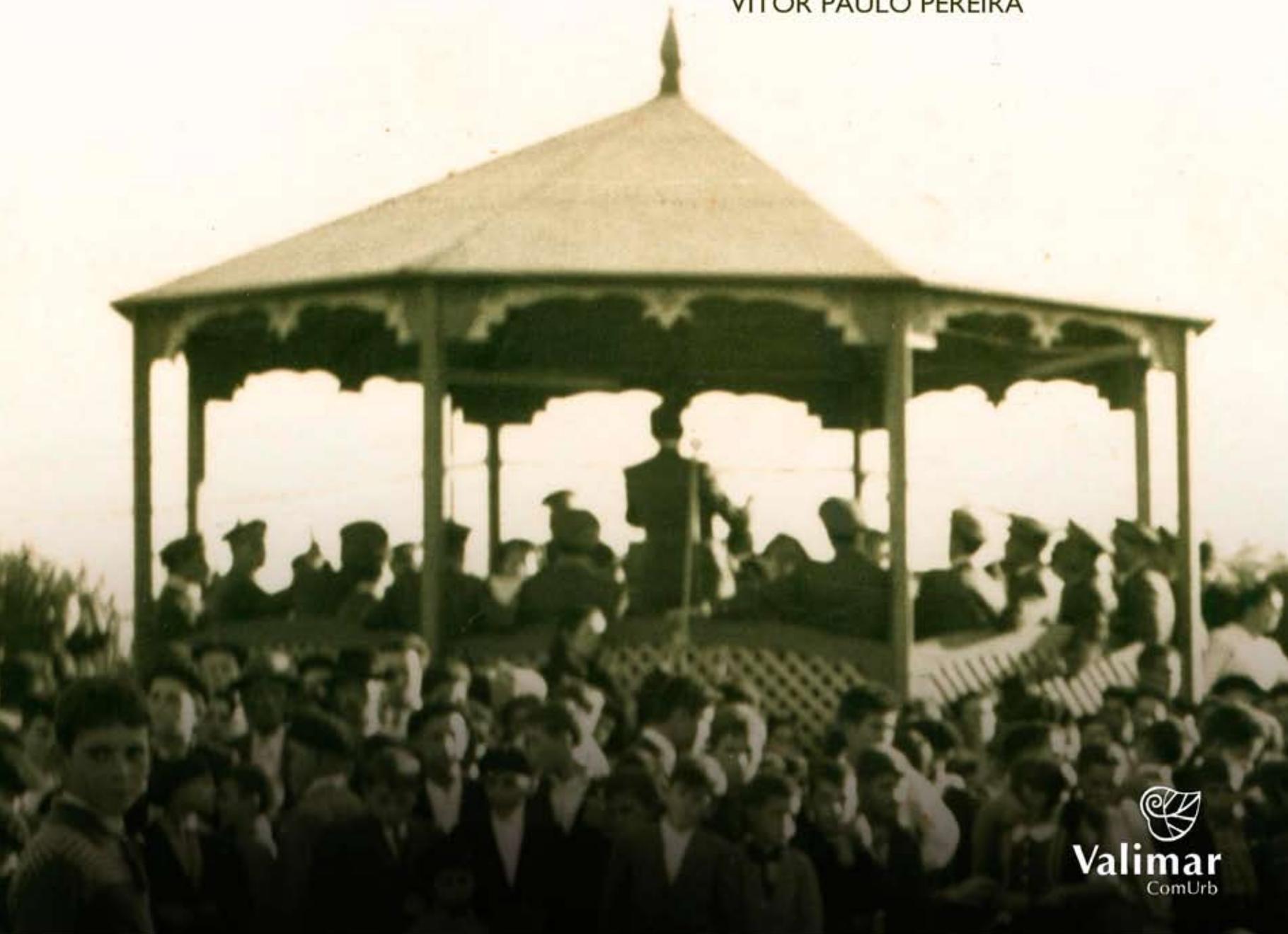


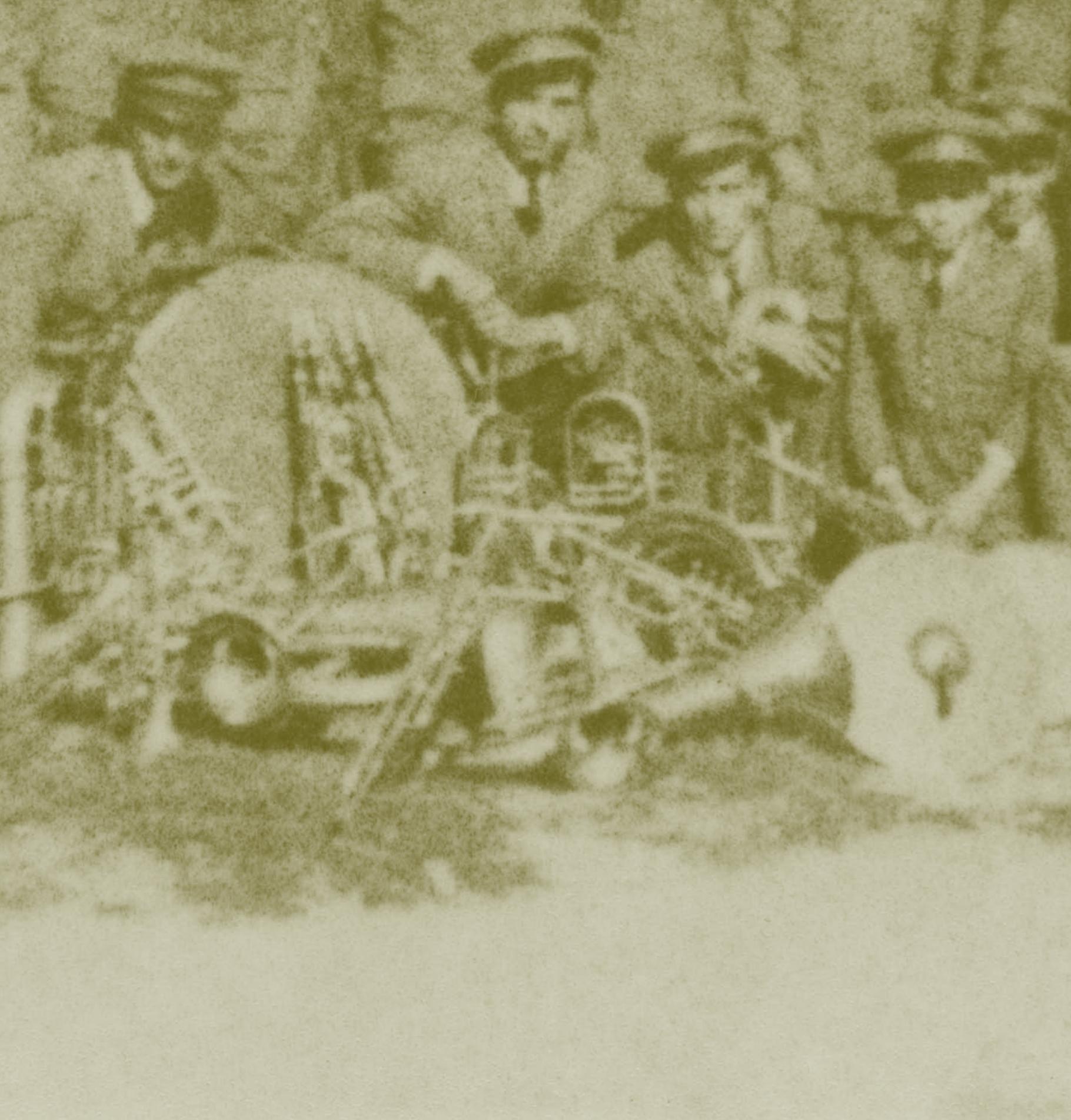


# HISTORIA DAS BANDAS DE MUSICA DA VALIMAR

VÍTOR PAULO PEREIRA



**Valimar**  
ComUrb





HISTÓRIA DAS BANDAS  
DE MÚSICA DA VALIMAR

VÍTOR PAULO PEREIRA



### **Valimar ComUrb**

Villa Moraes

Rua João Rodrigues Moraes

4990 Ponte de Lima

T 258 90 93 40

F 258 90 93 49

E-mail [valimar@valimar.org.pt](mailto:valimar@valimar.org.pt)

## Ficha Técnica

Título: História das Bandas de Música da Valimar

Autor: Vítor Paulo Pereira

Edição e Produção: Valimar ComUrb

Design Gráfico: Furtacores Design e Comunicação Lda.

Fotografia: Bandas de Música da Valimar e Foto Lethes

Impressão e Acabamento: Raínho & Neves, Lda. Artes Gráficas

© 2005 Valimar, Ponte de Lima

1.ª edição: Junho de 2005

Tiragem: 2000 Exemplares

Depósito legal N.º (a gráfica preenche)

ISBN: (a gráfica preenche)

# ÍNDICE

7	Apresentação
9	Excerto de <i>A Lua e as Fogueiras</i> , Cesare Pavese
11	<i>Naquele Tempo</i>
17	<i>Banda de Música Sociedade Musical Arcuense</i>
29	<i>Banda Escuteiros de Barroelas</i>
41	<i>Banda Musical Velha de Barroelas</i>
53	<i>Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende</i>
65	<i>Banda de Música de S. Martinho da Gandra</i>
77	<i>Sociedade Musical Banda Lanhelense</i>
91	<i>Banda de Música da Casa do Povo de Moreira do Lima</i>
105	<i>Banda de Música de Ponte de Lima</i>
119	Agradecimentos



## AS BANDAS DE MÚSICA DA VALIMAR

A música teve sempre um lugar importante na educação da Europa Ocidental.

Se olharmos para as nossas comunidades verificamos que a tradição se mantém, sem nunca ter sido descurada a educação musical dos seus membros.

As Bandas de Música dos concelhos da Valimar que mais contribuíram para a proliferação do ensino e divulgação da música clássica e ligeira de *todos os tempos*, são retratadas nesta obra da autoria de Vítor Pereira, editada agora pela Valimar-ComUrb.

A qualidade da música e dos músicos das Bandas de Música incluídas nesta biografia está patente no CD que a acompanha, que desfaz um certo equívoco ou cliché de menoridade musical que ultimamente tem servido de rótulo ao trabalho desenvolvido pelos *que da música não fazem profissão*.

Ser *amigo da música* tornou-se mais difícil ao longo do tempo, quer no que se refere ao recrutamento de jovens quer na própria mobilização dos músicos para a realização de espectáculos.

O interesse e disponibilidade destinados a esta actividade tornaram-se residuais e por vezes incompatíveis face a outras ocupações mais apelativas e às obrigações que a vida moderna (falsamente?) criou.

Hoje, o esforço de empenhamento e dedicação exigido é maior do que no passado, o que valoriza ainda mais o trabalho educacional, social e artístico das Bandas de Música.

Imbuída deste espírito, a Valimar–ComUrb, com a colaboração das *Banda de Música Sociedade Musical Arcuense*, *Banda Escuteiros de Barroelas*, *Banda Musical Velha de Barroelas*, *Banda dos Bombeiros, Voluntários de Esposende*, *Banda de Música de S. Martinho da Gandra*, *Sociedade Musical Banda Lanhelense*, *Banda de Música da Casa do Povo de Moreira do Lima* e *Banda de Música de Ponte de Lima*, decidiu lançar esta edição que visa perpetuar a memória das Bandas de Música e reconhecer o seu trabalho em prol da cultura.

E que a Música viva para sempre no coração da VALIMAR!

A Junta da VALIMAR



E contou-me o que aconteceu na gare de Nizza no ano anterior, quando tinham vindo as bandas de todas as aldeias, de Cortemilia, de San Marzano, de Canelli, de Neive, e tinham tocado, tocado, a tal ponto que ninguém se atrevera a sair dali. Tiveram de suspender a corrida de cavalos, até o pároco escutava e os músicos bebiam apenas para se aguentarem e à meia noite ainda tocavam... Acabou por vencer Tibério, a banda de Neive. Mas houve discussão, fugas, garrafas partidas e, na sua opinião, quem merecia o prémio era aquele Nuto de Salto...

– Nuto? Mas eu conheço-o.

E então o amigo disse-me quem era Nuto e o que fazia.

Contou-me que naquela mesma noite, para ensinar os ignorantes, Nuto se meteu à estrada e tinham tocado sem parar até Calamandrana. Ele tinha-os seguido em bicicleta, ao luar, e tocavam tão bem que, nas casas pelo caminho, as mulheres saltavam da cama e batiam as palmas, e então a banda parava e executava outro número. Nuto, ao centro, dirigia todos os outros com o clarinete.

Cesare Pavese, *A Lua e as Fogueiras*



## NAQUELE TEMPO

Quando procuramos as origens das Bandas de Música, muitos estudiosos consideram que poderemos recuar até à Idade Média. Outros, alicerçados em estudos complexos e ousados do ponto de vista histórico, defendem que podemos recuar até à Antiguidade Clássica. Não é essa a nossa intenção nem o objecto do nosso trabalho. Apenas procuramos uma narrativa verosímil, cheia de intensidade e que seja um instrumento importante no desejo de compreender a razão destas instituições e o papel que desempenharam no quotidiano das comunidades que as viram nascer. Buscamos unicamente, na fundura do tempo, a simplicidade dos existires passados

que acabam por explicar as vivências presentes. Penetramos num mundo de homens antigos que já não conseguem ver, como nós, que o seu mundo continua vivo, apesar de diferente. Foi aqui que nasceu o anseio daquilo que, honestamente, procurámos fazer. Tentámos também não divagar, mas o desejo de contar pelas palavras era tão grande que foi impossível parar o fluxo do nosso pensamento. Lemos algumas coisas, mas, sobretudo, ouvimos muito, o que pode provocar a imaginação, ainda que orientada.

Neste mundo das bandas, descobrimos que algumas nasceram entre as montanhas, outras perto dos rios, as restantes perto do mar. Nasceram

dentro de uma comunidade de pessoas e terras que hoje se chama Valimar COMURB. Nasceram no Minho, entre o vale e o mar. A maior parte delas nasceram há muito, muito tempo. Há tanto tempo que somente a memória dos mais antigos consegue derrubar a catedral de mistério e chegar à fundação, ao tempo da génese, ao *illo tempore*. O que não é tarefa fácil, quando muitas vezes é preciso recuar no tempo mais de um século e meio. O século XIX foi o berço da maior parte delas. O século que abriu as portas à denominada cultura de massas que ganhará perfeita forma no século XX. A música clássica deixa o templo, a corte e transforma-se finalmente num entretenimento para as classes médias. Os estratos sociais mais baixos que também gostavam de música, não da música clássica executada pelas grandes orquestras, mas da música popular, sentiam, nesse tempo, uma afeição natural pelas bandas filarmónicas, que na cidade e no campo, desempenharam um papel importante na animação das romarias e na difusão da cultura musical.

Ainda hoje as bandas filarmónicas, que estiveram na génese de um movimento associativo de raiz popular formado por milhares de colectividades,

continuam a prestar à comunidade um serviço de conteúdo social incontornável. Numa época em que praticamente o ensino da música não existia, as filarmónicas foram as únicas escolas gratuitas para milhares de jovens que nasceram longe das cidades. A maior parte teve como professores os regentes, que tanto poderiam ter formação superior como a quarta classe ou até nem saber ler ou escrever. Alguns músicos não sabiam sequer assinar, mas depressa aprenderam a ler uma pauta. Também havia aqueles que somente tocavam de ouvido. Uns com paciência, outros sem ela, o ensino da música lá se ía fazendo, longe da escola e do conservatório. Para os mais audazes ou para os mais virtuosos, este último foi o fim de um longo caminhar que tinha começado na banda da terra.

Naquele tempo o amor contava mais do que o saber, ou melhor, do que o virtuosismo. Era sobretudo a paixão que fazia correr os homens simples que, abraçados ao metal, levavam a música para todo o lado. Para dentro das Igrejas e para fora delas, sob intenso sol ou debaixo das latadas. Tocavam em todo o lado e para todas as pessoas, tanto para os humildes como para as autoridades, porque o grande desejo era tocar. Tocavam até ao

fim das forças e, em último caso, até quando o regente mandasse.

Partiam de manhã cedo, ainda o sol não alumia a terra e já se sentia o bater das portas. Partiam de vários lados, cada um pelo seu pé ou por outro meio se houvesse dinheiro, procuravam estar no local e tempo certos para fazer a entrada. A meio da manhã alguns, já sem forças, esperavam pelo meio-dia o mesmo seria dizer pelas batatas com bacalhau. Bem comer para bem tocar, era o que se ouvia da boca dos mais velhos. A música era importante mas, sem a barriga cheia para a tarde, seria difícil aguentar o acompanhamento da procissão e o despique com a banda rival que ninguém sabia até onde poderia ir. Por vezes o despique era tão grande que chegava a intensas e exaltadas discussões entre o público que rodeava o coreto. Em algumas ocasiões, as coisas tornavam-se mais feias. Mas, nessas alturas, a banda tocava ainda com mais força até as coisas acalmarem. Tudo acontecia num tempo em que se procurava levar o dia a tocar e cantar para enganar a fome. Passaram muito, enfrentaram muitas dificuldades, algumas chegaram até a parar, para de novo surgirem com mais força.

A música que bandas fizeram foi sempre amada.

Mas já foram conotadas como instrumentos privilegiados do Salazarismo. É certo que estas, sazonalmente, vinham à rua para acompanhar as coreografias propagandísticas do regime. Mas era difícil que isso não acontecesse, mais incompreensível seria querer transformar grupos filarmónicos, feitos de homens simples que apenas amavam a música, em exércitos de combate à ditadura. Naqueles tempos as bandas tocavam para todos e em todos os lados. Mas, mesmo assim, isso valeu-lhes críticas e acusações que consideramos infundamentadas e descontextualizados.

Actualmente, as nossas elites culturais manifestam opiniões diametralmente opostas. Para alguns as bandas filarmónicas são os exemplos eloquentes da cultura, aquilo que de mais de belo e perfeito existe na tradição popular. Para os outros não passam de instituições compostas por músicos amadores e com poucos conhecimentos musicais. Neste lugar de análise importa ter uma posição de sensatez. As bandas de música nasceram no povo, representam a sua cultura que é consequência do tempo, da multiplicidade dos conhecimentos e dos sentires. Fazem parte de uma cultura que é única e, portanto, não deve ser manipulada como

instrumento comparativo ao serviço da cultura de elites, suscitando, assim a ideia de que esta é a negação da cultura popular.

Tudo mudou, apesar da essência ainda permanecer. Hoje, a maior parte das bandas tem à sua frente maestros novos, cheios de vontade de caminhar. Alguns partem para o estrangeiro com o desejo de aprofundarem a sua formação, para depois regressar com novos métodos e com novas ideias. Os músicos mais velhos assustam-se, os mais novos acolhem as novidades com grande entusiasmo. Os que estão de fora nem acreditam na idade de alguns regentes. No meio de tudo isto as coisas avançam. O desejo do brilhantismo e da eloquência levam a que muitos maestros, em ocasiões especiais, à introdução instrumentos de cordas no seio da banda. Os coretos deixam de ser os únicos espaços de celebração. Os músicos estão, agora, também preparados para os concertos de teatro ou auditório. Já não existe o medo do silêncio que despe os erros do nervosismo. O que agora existe é o desejo de ser ouvido no escuro sem renegar, contudo, a rua: onde tudo começou. Os músicos estão prontos para tudo, tanto tocam a abertura do Tannhäuser com a rapsódia mais

popular.

Apesar do mérito reconhecido e do valor conseguido junto dos musicólogos e das elites culturais do país, as filarmónicas continuam a ser a música das ruas. O meio musical clássico encontra-se mais afastado das pessoas e, tocando nas ruas, as bandas conseguem chegar a toda essa gente, desde da festa mais pequena até à romaria mais conceituada. É a música do povo que importa preservar porque ao acontecer o invés perderemos a nossa memória e como dizia Malraux «um povo sem memória é um povo sem história e sem futuro».

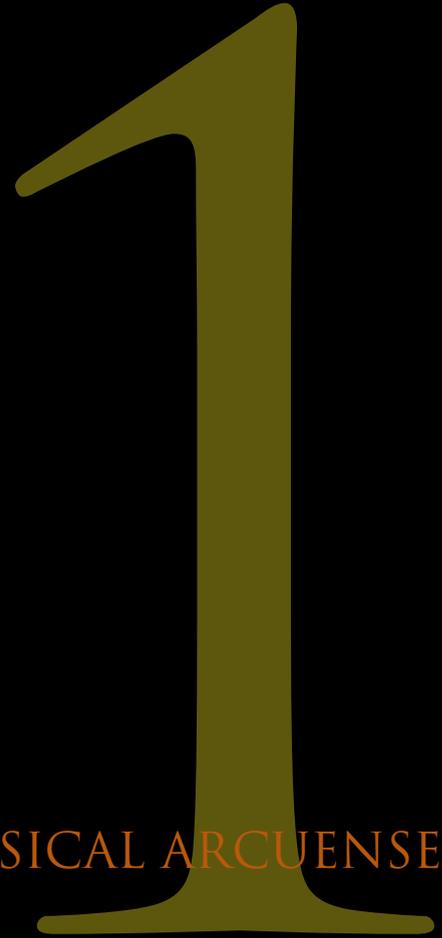
Porque a vida destes homens não pode ser unicamente um registo temporal acertado de factos, utilizaremos uma narrativa propositadamente negligente e romanceada. Resta-nos acrescentar que perseguiremos, sempre, o rigor histórico mas com a delicadeza emotiva de quem escreve com a ternura que estas instituições merecem. Sem palavras de solenidade circunstancial gravamos aqui a homenagem merecida, que nem o tempo apagará. Aqui é o lugar do sossego rural, dos céus serenos e das fontes quietas, mas também é o lugar do alvoroço, da exaltação, da loucura e do sonho

de alguns que chega até nós.

Abram-se, então, as portas à nostalgia, à alegria, à música, à partilha da memória e por fim às palavras porque a felicidade também se faz com palavras.







BANDA DE MÚSICA SOCIEDADE MUSICAL ARCUENSE



■ A banda no tempo do Maestro Augusto Cristina.

A fundação da Sociedade Musical Arcuense, nos primeiros tempos também conhecida por Banda Arcuense, encontra-se envolta em alguma indefinição cronológica. Numa edição da revista *Límia* de 1994 podemos ler *“que trinta e sete anos após a Rainha D. Maria II assinar o decreto que organizava a Banda da Guarda Municipal de Lisboa e que com o advento da República se haveria de chamar, até aos nossos dias, de banda da Guarda Nacional Republicana, é fundada em Arcos de Valdevez a Banda Arcuense”*<sup>1</sup>. O ano de 1875 marca assim o tempo de nascimento da instituição. Porém, num artigo de meados do século passado, do jornal *Vanguarda*, A. Silva Dias

aponta o ano de 1880 como o marco temporal de fundação da banda. No seu propósito de homenagear o primeiro regente da banda, José António Rodrigues, refere que o *“mesmo aos 24 anos de idade começou a reger a banda Arcuense, que fundou e inaugurou em 1 de Dezembro de 1880, para festejar uma outra inauguração – a ala esquerda do Hospital de S. José”*<sup>2</sup>. Estamos, portanto, perante penumbra cronológica. Será que os primeiros ensaios começaram já em 1875 mas a verdadeira fundação somente aconteceu cinco anos depois? Porventura nunca encontraremos uma resposta objectiva, contudo, a História também se faz com interrogações.

<sup>1</sup> Revista *Límia*, 8 de Abril de 1994.

<sup>2</sup> *Vanguarda*, 8 de Maio de 1955.

O que sabemos é que o nascimento da banda está ligado ao talento e empenho deste jovem pedreiro, natural de Santa Cristina. A sua terra dar-lhe-á, para si e para todos os seus descendentes, o apelido Cristina. O José Cristina, como era conhecido por todos, tinha uma terra: Arcos de Valdevez. Uma única terra, porque todos aqueles que têm muitas terras acabam por não ter nenhuma. Não conseguimos vislumbrar em que idade o José começou a sua iniciação musical, apenas sabemos que recebeu as primeiras lições de cornetim, em Távora, com o maestro Manuelzinho Caiador, ao tempo regente da Banda de Santa Maria de Távora. Mais tarde, pela mão do Conselheiro Pedro Pereira Sousa e Brito, da Casa da Comenda, vem tocar na banda do Mestre Oliveira, com o seu amigo e companheiro: Francisco dos Barqueiros, de Gondião, Rio Frio. As noites e os anos sucediam-se, por entre vários ensaios, não falamos nos dias porque o tempo mais importante, o tempo dos ensaios, acontecia sobretudo à noite. Ainda hoje, escrevia o jornalista, *“se encontra naquela sala o arame donde pendia o lampeão que os alumiava”*<sup>3</sup>. Com 24 anos está a reger a Banda Arcuense e nunca mais largará a batuta até ao ano de 1921.

Nos últimos quatro anos da sua vida, algumas vezes já sem poder, acompanhava a música, mas já era o seu filho que assumia a regência. No ano de 1925 morre com 69 anos, mas com o destino da banda assegurado por outro Cristina, de nome Augusto. Durante os 41 anos em que regeu a banda sentiu, porventura, algumas tristezas, algum desalento, contudo, mais foram as alegrias e os arrebatamentos.

A banda percorreu várias terras de Portugal e Espanha arrancando sempre aplausos sentidos, conquistando honrosos louvores. Para muitos, foi uma das grandes embaixadoras que Arcos de Valdevez teve na sua história artística. O jornal Vanguarda, como homenagem ao regente Cristina, evoca duas grandes datas que, indelevelmente, ficaram para sempre na memória de todos os arcuenses. A primeira aconteceu nas Festas da Agonia, a rainha das romarias do Alto-Minho. Viana do Castelo, Verão de 1893, até parece que estamos lá. Um Verão bastante quente que marcaria o primeiro momento inesquecível da banda. A Banda Arcuense tinha perfeita consciência da importância que constituía este concurso. Num distrito com fortes tradições na música filarmónica, a banda

<sup>3</sup> Vanguarda, 8 de Maio de 1955.

arcuense era a única representante do distrito. As expectativas nunca poderiam ser frustradas. Assim como não podia deixar de ser, a banda apresentou-se, segundo o cronista do Vanguarda, impecável, marcial e afinadíssima. Ao concurso assistia o seguinte júri: José Maria Lucas Pires, João Pereira de Azevedo, Francisco dos Reis Torres. Era presidente das festividades desse ano Segismundo Alvares Pereira. A competição foi renhida, o que engrandece o brilhante 2º lugar. Momento único de emoção, horas inesquecíveis que os velhos recordam com os olhos inundados de água <sup>4</sup>. Bastaram duas peças musicais: abertura Galateia e a marcha d'Aida para a banda e a terra subirem ao pedestal da fama. O prémio monetário de 40.000 reis ajudaria no futuro a custear alguns dos muitos encargos da instituição. O dinheiro rapidamente desapareceria, o mesmo não poderíamos dizer do feito, que perduraria, por muitos anos, na lembrança de muitos.

No regresso, a banda foi muito mal recebida em Ponte da Barca, consequência das fortes rivalidades então existentes entre a Banda Arcuense e a Banda Barquense. Tudo aconteceu em finais de Julho do ano de 1893, quando as duas são convidadas para

tocar no arraial do Mártir S. Sebastião, de S.Paio da Vila. Quem obteve a palma foi a Banda Arcuense, nem podia ser de outra maneira, concluía o jornalista dos Arcos, uma vez que a banda vitoriosa era a segunda classificada do Norte, apesar da banda Barquense estar muito e boa e ser motivo de orgulho para a terra.

O segundo momento de glória aconteceu a 13 de Julho de 1895, em Vila Nova de Famalicão. Num disputado concurso, a banda apresentou a peça Estrela do Minho e a abertura da opereta Galateia, do compositor croata Franz von Suppé que tinha morrido no mês de Maio desse ano. Foram confirmados os êxitos de Viana do Castelo, informava, com entusiasmo A. Silva Dias <sup>5</sup>. Mais uma vez, entre as várias bandas da região a instituição musical dos Arcos volta a ser cotada como a segunda melhor banda do Norte. O prémio pecuniário foi de 50.000 reis, porém, a honra e o orgulho de tal classificação ultrapassavam o montante arrecadado. O entusiasmo era de tal ordem que os músicos fizeram questão de passar por Braga, tendo tocado na Arcada, de seguida tomaram a direcção dos Arcos, mas resolveram parar em Vila Verde, onde o Juiz António Cândido

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Idem

da Silva Dias lhes ofereceu um beberete como homenagem pelo sucesso alcançado. O artigo do jornal não menciona se tocaram ou não, mas a nossa imaginação vibra com uma festa que o tempo não deixa ver mas que podemos sentir. Muitas eram as pessoas que saíram à rua, os aplausos intercalavam as peças tocadas, alguns copos retiravam alguma lucidez e virtuosismo, contudo, sentia-se que o vinho aquecia a alma e a música saía com menos nervosismo e com mais exaltação. O receio não existia no meio das notas. Nem deram pelo tempo, já era noite quando retomaram a marcha, a caminho da terra do Vez.

Como já referimos anteriormente, após a morte de João Cristina o seu filho Augusto toma a direcção e regência da Banda. E outros momentos memoráveis ficaram para sempre inscritos na sua história. Ruy Valdevez, num artigo de homenagem ao mestre Augusto Cristina, recorda alguns desses tempos. Eram os tempos em que a música enchia as ruas, os jardins e passeios públicos. Era intolerável a ausência de uma banda em qualquer festa. Conta-nos o cronista do Vanguarda que, há muitos anos sem saber precisar a data, nas Festas da Agonia, a Banda Arcuense executou

a V Rapsódia do Maestro Capitão Ribeiro Dantas. No final da execução, Augusto de Cristina observou, com espanto, que todos os músicos se tinham levantado quando deram conta que um oficial do exército subia as escadas do coreto. *E quem havia de ser esse Oficial? Era o próprio autor da referida peça que o foi felicitar pela primorosa execução da mesma.* Podemos ainda ler no mesmo artigo que o Mestre Cristina *“tão confundido ficou que nem sabia como agradecer aquela prova de admiração tão espontânea”*<sup>6</sup>. Outra actuação inesquecível aconteceu, no ano 1933, no jardim da Cordoaria da cidade do Porto. Numa segunda-feira de Julho, a Banda Arcuense participou num concerto em benefício da Benemérita Instituição da Cruz Vermelha e o que lá se passou foi verdadeiramente espantoso. Todos os presentes ficaram maravilhados com a variedade das peças executadas e como virtuosismo de alguns músicos. Ruy Valdevez deixou escrito que alguns dos presentes afirmavam que se tratavam de músicos de fora ou de regimento, tal eram as capacidades de execução.

<sup>6</sup> Vanguarda, 8 de Maio de 1955.



■ Ano de 1961. Nesta altura a banda estava integrada na Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários dos Arcos de Valdevez.

Mas há mais factos que servem para ilustrar a proeminência musical do Mestre Cristina, e aqui não podemos deixar de transcrever uma parte desse artigo que tão bem espelha o nosso propósito. *“Quando há anos se realizaram as Festas da Lapa, a Comissão das mesmas conseguiu o concurso da Banda do Regimento de Infantaria 6, ao tempo regida e dirigida pelo talento artístico do capitão António Joaquim Alves. Pois bem, o saudoso maestro arcuense não se intimidou e, embora não tivesse colhido os louros da Vitória, viu coroado o seu esforço e carinho pela Divina Arte,*

*com a execução, pela mesma banda regimental, de uma peça que o António Joaquim Alves lhe dedicou no final do concerto. Reconheceu-se o mérito artístico. Nessa mesma data, realizara-se uma Missa Campal no senhor do Calvário. A nossa Banda foi à Corporação dos Bombeiros para os acompanhar e tomar parte nessa cerimónia, rompendo a marcha com um lindo ordinário. Estavam perto os três primeiros cabos da citada Banda do 6, e deu-se a coincidência de um deles – o Maestro e nosso querido amigo João de Brito, ser o autor da música que a nossa Banda executou*

a caminho da praça municipal. Os militares, visivelmente admirados, viram-se para o Maestro Brito e dizem-lhe: «Esta música é tua!». Vamos acompanhar a Banda – disseram – e chegados ao Calvário, depois dos Bombeiros formarem para a Missa, o I Cabo Agostinho chamou o nosso Mestre e diz-lhe: «Você vinha a executar uma «Marcha» «muito linda» e com um sorriso natural o Mestre Cristina perguntou se agradou a execução. Muito, responderam e se o senhor Cristina conhecesse o autor da música? Sei apenas que se chama Brito e é do Sul. Os militares apresentaram-lhe o autor da composição e o nosso saudoso maestro ficou atordido com a surpresa! Este maestro João de Brito já nos visitou quando dirigia a Banda de Freamunde, nas Festas do Concelho de 1950.

Nas festas de S. João, no Porto, também o maestro Cristina marcou a sua presença em 1949, salvo erro, pois realizou, no jardim de S. Lázaro, um magnífico concerto. Era presidente da C.M. do Porto o Dr. Luiz de Pina e, como a mesma Câmara se reunia à noite, com as altas individualidades civis e militares, no «Jardim dos Pequeninos» às Fontainhas, a nossa Banda foi escolhida, dentre as 10 presentes nessa altura, para o concerto no

citado local! Como sempre a Banda brilhou e no dia seguinte partiram a caminho da Cortegaça, onde também agradou”<sup>7</sup>.

Mas estes êxitos musicais não representavam sucesso económico. A Banda Arcuense, como muitas da altura, enfrentava dificuldades financeiras, muitas vezes só ultrapassadas com a generosidade de alguns melómanos com posses. Quando a banda chegou, no ano de 1953, a S. Fins do Douro, um dos membros da Comissão de Festas soube que antes o Mestre Cristina tinha passado pelo Porto para adquirir, a crédito, um instrumento que era fundamental na dinâmica musical da banda. Sensibilizado com tal esforço financeiro, aconselhou a banda a tocar uma peça a dois beneméritos da terra que tinham acabado de chegar de África. Cristina assim fez. No final da actuação, um dos filantropos, sensibilizado com as dificuldades da banda “puchou da sua carteira um magnífico lençol de mil escudos para financiar a aquisição do tal instrumento”<sup>8</sup>. O outro conterrâneo contribuiu igualmente com quinhentos escudos. Sem dúvida uma bela recordação daquela localidade duriense. Seguiram-se os concertos que tão bela imagem

<sup>7</sup> Vanguarda, 8 de Maio de 1955. Na década de quarenta existiam no concelho dos Arcos mais duas bandas: a Banda de S. Tomé de Aguiã, cujo regente era Armindo Ribeiro de Sousa; e a Banda de Távora que tinha como regente Diogo de Oliveira que mais tarde também estará ligado à Banda de S. Martinho da Gandra, de Ponte de Lima.

<sup>8</sup> Idem

deixaram da instituição arcuense. As últimas aparições do maestro aconteceram em S. João da Madeira e mais tarde na visita de retribuição às Festas Concelhias dos Arcos, no ano de 1954. O maestro ouve os últimos aplausos; movido por um dinamismo constante procura lutar contra os anos, contudo, pouco tempo depois, partiu. Eterna gratidão ficava gravada no coração dos arcuenses que viam no mestre Cristina um dos homens que mais contribuiu para a divulgação da terra.

Agora os destinos da banda estavam entregues ao Jaime Fernandes, Contramestre da Banda, que era responsável pela parte directiva. A regência da banda era, então, da responsabilidade do 2º Sargento Lopes, músico da Banda do Regimento de Infantaria 8 de Braga, que permanecerá na instituição até ao ano de 1961. Possuidor de uma longa experiência musical, prestou à banda um magnífico trabalho pela elevação do nível artístico dos seus músicos.

Em 1961 a batuta da banda regressa às mãos de um arcuense: António Joaquim Alves de Amorim, era o seu nome. Em tempos tinha regido a extinta Banda de Távora, também de Arcos de Valdevez, a laureada Banda de Amares e a centenária Banda

de S. Martinho da Gandra, embora nesta última a sua passagem fosse efémera. O mestre Amorim, como é chamado por todos, nasceu numa família com tradições musicais. O seu pai, Joaquim José de Amorim, foi, durante muito tempo, músico e regente na Banda de Távora. Desde cedo que seguia o pai nas actuações pelas várias romarias do Minho e outras paragens mais distantes. Nestas deambulações com o seu pai, a paixão pela música crescia na mesma proporção que o seu conhecimento musical. Com o objectivo primeiro de revitalizar a banda, o regente Alves de Amorim apostou na formação como meio privilegiado de recrutamento de novos músicos. Manteve-se à sua frente até ao ano de 1991, altura em que, por motivos de saúde, se viu obrigado a renunciar o cargo. O mestre Amorim manifestou sempre um inextinguível amor à banda e à sua terra, deixando uma obra notável na história e desenvolvimento desta colectividade. Entre os vários momentos de eloquência musical, o mestre Amorim gosta de lembrar uma actuação, em meados dos anos setenta, no Senhor da Saúde, em Ponte de Lima. Contou-nos que o instrumental soprava de tal forma forte e afinado que varreu com as suas asas



■ Maestro Idílio Nunes: o responsável actual pela regência da banda.

os ruídos que reinavam em volta. O despique com a Banda de Ponte de Lima foi tão intenso que ainda hoje é recordado por muitos.

No dealbar da década de noventa a banda entrou num novo período. Idílio Nunes, Sargento-Ajudante Chefe da Banda do Exército da Região Militar do Norte, é recrutado como maestro, cargo que ainda hoje ocupa. Nesses tempos a banda passou por momentos difíceis, somente graças ao altruísmo de alguns homens como João Costa e Isidro Amorim, é que esta não acabou. Foram estes homens que deitaram mão à banda. Aqui importa também mencionar os nomes do Padre Amaro Oliveira, João Braga, Mário Falcão, Arnaldo Pereira e Manuel Sousa.

Actualmente as coisas estão mais organizadas graças ao bom entendimento e colaboração que existe entre o maestro Idílio Nunes e o empresário de hotelaria João Costa. O senhor João, como é conhecido, foi sempre um homem ligado à banda. Durante muito tempo tocou bombardino e ocupou cargos directivos. Hoje é o presidente e o grande impulsionador da instituição. O seu amor à música levam-no a viver intensamente o seu pulsar, às vezes até com o sacrifício da sua vida profissional e familiar.

Hoje os arcuenses orgulham-se da sua banda, que é uma das melhores bandas do Minho, quer pelo seu número de elementos quer pelo profissionalismo e empenho demonstrados.

Longe vão os tempos em que o Mestre Cristina atirava com os tamancos quando algum músico tinha a ousadia de desafinar, o que era natural se consideramos que muitos deles eram camponeses, pedreiros, jornaleiros e alfaiates. Homens que, na sua grande parte, trabalhavam de sol a sol, o que determinava que o tempo de sobejo tinha de ser repartido entre o descanso, família e a aprendizagem musical. É preciso manifestar a nossa homenagem a estes homens que, sem escolas nem subsídios, contribuíam para elevar o nome da terra e dignificar a cultura popular.

Actualmente as coisas melhoraram. Depois de alguns períodos difíceis, a banda conta hoje com o apoio da autarquia, dos beneméritos e dos sócios que ajudam a custear os encargos decorrentes de uma colectividade que conta com mais de sessenta elementos. O presidente João Costa e o regente Idílio Nunes apostam, agora, na formação gratuita da juventude, de modo a responder às necessidades de renovação que assegurem o futuro de uma banda que busca, sobretudo, a promoção da terra, a animação das romarias e a divulgação da música, como elemento primordial da cultura de um povo. Actualmente, vários professores de

música leccionam as diversas especialidades indispensáveis à formação de novos músicos, desde a teoria à prática instrumental. Importa referir que alguns daqueles que, agora, ensinam, iniciaram os seus primeiros passos na aprendizagem musical nesta escola tendo, posteriormente, ingressado em escolas de ensino profissional ou conservatórios, com a intenção de prosseguir carreira nesta área.

E tudo isto somente é possível porque existe o eterno mistério da paixão pela música que, frequentemente, exige os maiores sacrifícios e uma vontade constante de ultrapassar os contínuos desafios que as circunstâncias do devir histórico reclamam.

No nosso tempo, a banda é um gosto vê-la, dizemos vê-la como quem diz ouvi-la.







BANDA ESCUTEIROS DE BARROSELAS



■ A banda no presente. O Maestro Álvaro Sousa, à frente dos seus músicos, numa das ruas de Viana do Castelo.

**B**arroselas, ano de 1934. Sabemos que era o dia 29 de Junho, dia de S. Pedro. Na terra via-se um certo movimento, o que era natural porque os Barroselenses preparavam as cerimónias religiosas em honra do padroeiro. Aproveitando a ocasião, um grupo de jovens, pertencentes ao Grupo 101 dos Escuteiros e com algum conhecimento no âmbito da música filarmónica, decide acompanhar a missa com instrumentos de sopro e vozes. Nesse dia apenas estava previsto a participação dos escuteiros para publicamente realizarem a sua Promessa <sup>1</sup>. Contudo algo de belo estava para acontecer. Importa, pois, precisar que quando se fundou em Barroselas o escutismo, os elementos

do Grupo Coral foram convidados a fazer parte da nova associação ficando os coristas e músicos integrados no Clã 13, «Santa Cecília». Com um certo sentido, a padroeira da Música foi escolhida para patrona da Alcateia <sup>2</sup>. Dentro do templo, o cerimonial religioso assumiu uma solenidade grandiosa que transbordou para as ruas, quando o Clã 13, com os seus dezasseis músicos, acompanhou a procissão. A gente admirada fitava os olhos no regente Armindo Santos Barbosa que, para muitos, tinha de ser o grande arquitecto da surpresa <sup>3</sup>.

Mas aquilo que era surpresa para uns, não o era para outros. À vista e na admiração desta novidade, pasmaram todos pelos grandes progressos que

<sup>1</sup> Banda Escuteiros de Barroselas, Inauguração da Sede e Homenagem ao Fundador, Julho de 1999, p. 5

<sup>2</sup> O escutismo chegou a Barroselas dez anos após o Lorde Baden Powell ter lançado as novas concepções educativas para a juventude católica. Porfírio Miranda, o mentor da introdução do escutismo na freguesia, contou desde logo com o apoio dos seus companheiros de viagem entre Barroselas e Viana: Sargento António Ribeiro, Tenente Rodrigues e Francisco Rego. O pároco de então: Domingos Parente da Costa Soares recebe também com grande entusiasmo a iniciativa e a partir de então torna-se um grande colaborador do movimento escutista.

<sup>3</sup> A surpresa foi mais pelo sucedido e não pelo facto do Sr. Armindo Barbosa ser o regente. A música esteve sempre presente na sua família. O seu bisavô Manuel José Meira de Oliveira foi o fundador da Banda Velha. Desde cedo que tomou contacto com o mundo das bandas. A música estava-lhe no sangue.

<sup>4</sup> Em Maio de 1927 realizou-se em Braga um Congresso de Assistentes Religiosos que definiu algumas das normas que os escuteiros católicos deveriam seguir. Entre 14 pontos, o nº 6 recomendava a leitura do livro de formação religiosa para a orientação da Oração e Cânticos Litúrgicos e o nº 10 sugeria o ensino do Canto Coral nos Grupos.

<sup>5</sup> Uma proposta do Padre Cândido Lima das Eiras e que obteve aprovação. Este clérigo, da família Reis Lima, era natural de Alvarães e pároco de S. Cláudio Curvos, freguesia de Esposende. Em finais de 1933 começa o recrutamento, pouco depois da formação inicial, todos os escuteiros estavam prontos para fazerem juramento aos princípios do escutismo

<sup>6</sup> Fizeram também parte dessa escola os padres Manuel Fernandes Portela, da Tregosa, um grande músico e José da Costa Freitas que se revelou, sobretudo, como grande regente orfeónico.

<sup>7</sup> Ainda nessa entrevista dada ao Jornal Notícias de Viana, Armindo Barbosa explica-nos como tudo aconteceu.

Conta-nos que tinha pedido ao seu avô António Vieira Pedra para deixá-lo “ir aprender a tocar órgão (com o Padre Carlos). Meu avô aceitou e, ao fim de três meses eu fiquei com o encargo de tocar órgão e reger a *Schola Cantorum*”. in *Banda Escuteiros de Barrocelas, Inauguração da Sede e Homenagem ao Fundador*, Julho de 1999. p. 7

tinham feito, em tão pouco tempo. Armindo sabia que aquilo não era efémero deslumbramento. No fundo, não era mais do que consequência de uma tradição musical que estava profundamente entranhada no povo de Capareiros. A Banda Velha era um exemplo vivo dessa cultura musical. O próprio Grupo de Escuteiros defendia a prática musical como instrumento de brilhantismo cultural e louvor divino <sup>4</sup>.

Com efeito, não era somente a inclinação natural dos barrocelenses para a música que suscitava o entusiasmo, o ideário doutrinal escutista recomendava também o ensino do canto coral nos grupos, em cujas aulas se deveria introduzir o ensino da música <sup>5</sup>. E foi o que fizeram os Escuteiros de Barrocelas, às vozes doces dos cânticos sagrados resolveram juntar o som dos instrumentos. O senhor Armindo, numa entrevista concedida ao Notícias de Viana, reclama também da sua memória a importância que teve, neste contexto de dinamização da cultura musical, a célebre Schola Cantorum criada, em 1928, pelo padre Manuel Carlos de Araújo <sup>6</sup>. Faziam parte dela alguns elementos da Banda Velha que, com o decorrer do tempo, passaram a acompanhar o coral com instrumentos de sopro e

violino. A fé do povo e a exigência da celebração assim o exigiam. Quando em 1929 o padre Carlos Araújo deixa Barrocelas, para assumir uma nova paróquia em Arcos de Valdevez, a regência da Schola foi entregue ao futuro fundador da banda <sup>7</sup>. Mais tarde foram convidados para fazer parte dos Escuteiros. Músicos e coristas passam, como já referimos anteriormente, a fazer parte do Clã 33, que tão bem tocou no histórico dia 29 de Junho.

Até parece que lá estamos, parece que estamos a ver os abraços e a ouvir os inúmeros comentários elogiosos por entre os presentes. A emoção geral tocava o seu auge. Difícil intento é tentar explicar o alvoroço que ia naquele momento. Um movimento de curiosidade crescia na freguesia. Com espanto, o povo de Barrocelas felicitava os obreiros de tal feito. As sementes da futura banda estavam lançadas; estavam abertos os primeiros alicerces para a fundação da Banda dos Escuteiros. A partir desse momento todos esperavam pelo que estava para vir. A tarde caiu... A aldeia estava, por fim, completamente quieta. Tudo recaía em profundo silêncio. Outros dias, como esse dia glorioso, esperavam-se.

Na altura, o Padre Domingos Parente, grande



■ A banda no ano de 1936. Na primeira fila, ao lado direito do pároco de Barroelas, podemos ver o Maestro Armindo Santos Barbosa.

entusiasta do projecto, incitou os jovens músicos a participarem também nas festas e romarias da terra e das freguesias vizinhas. O caminho era andar para diante. A banda tornou-se muito querida porque, afinal, tinha nascido de um braçado feliz de circunstâncias. Depois cresceu com o tempo, ao sabor dos sonhos de cada um, e, por meio, desse desejo plantado no coração dos músicos, tornou-se cada vez maior. Não cresceu por actos prodigiosos mas apenas pela vontade de fazer sempre melhor. À medida que crescia era um motivo de orgulho colectivo, sem perder, contudo, a modéstia dos primórdios. A partir desse tempo, e para sempre, ficará conhecida pela Banda dos Escuteiros, quer pelas suas origens quer ainda porque não havia dinheiro para os usuais uniformes, o que obrigava

a banda tocar com a indumentária dos escuteiros. Causava estranheza, mas favorecia a banda porque o insólito da roupa ganhava a simpatia da gente.

Ao abrir o ano de 1935, a banda já se apresentava com 19 músicos. Manuel Maurício Rocha da Costa fez a recolha de todos os nomes que faziam parte dessa formação inicial. Ao enumerá-los prestamos aqui a nossa homenagem. Chamavam-se: Armindo Santos Barbosa, o regente fundador; José de Sousa e seu irmão Joaquim de Sousa, da família dos Bragas; António Costa Pereira, para os amigos Bastardo; Joaquim Pereira Gomes, conhecido também por Brás; Manuel Ferreira Miranda, da família dos Carreiras; Aníbal Costa Freitas; Secundino Costa Pereira e seu irmão Francisco Costa Pereira, os da Foz; Manuel Vicente da Cruz, conhecido por

Campanhão; Armando de Oliveira, irmão do fundador; Justino Meira de Oliveira e seus filhos: Manuel, Paulino e Agostinho, também primos do fundador; António Amaral, de Poiães; Alexandre Serrado, de Anha; Fernando Peixoto e Maurício Rocha. Todos estes ilustres eram de Capareiros, com excepção de António Amaral e Alexandre Serrano.

Deste grupo de pioneiros nascerá a vontade que determinará o crescimento da banda. De sucesso em sucesso, a banda tomava corpo. Armindo Santos Barbosa preocupava-se, entretanto, em formar novos músicos porque tinha consciência que o seu sonho estava dependente da criação de novos talentos. Quando em 1937, o Clã 13 se transformou no Grupo n.º 13 do Corpo Nacional de Escutas de Capareiros, o maestro sabia que a banda estava pronta para enfrentar todas as dificuldades existentes, assim como os desafios do porvir. A Banda Velha era, para ele, uma doce nostalgia. Um novo período estava, então, a despertar. Na luta contra as adversidades, Armindo contou sempre com o apoio dos seus inestimáveis amigos. Desse rol de gente notável, destacamos os nomes de: António Bastardo; Manuel Cruz; Joaquim Brás

e Fernando Peixoto. Nesses tempos de entusiasmo a escola passou a receber dezenas de jovens que contribuíram para o elevar do número de efectivos e para a crescente qualidade musical do repertório<sup>8</sup>.

No ano de 1938, já temos a banda a tocar na rua nas festas e nas homenagens. Em Novembro desse ano, Banda dos Escuteiros actua em Barcelos, na inauguração do Grupo de Escuteiros Seniores n.º 16 de S. Paio de Carvalhal. Armindo tinha sido o instrutor dos Jovens Escuteiros que, nesse dia, faziam a sua Promessa. Para ele, era uma grande honra estar presente num acto tão distinto e fazia-o com aquilo que mais amava: a música. Na altura era com poucos músicos, mas isso não importava. O que a banda queria era tocar porque esse era o caminho que os músicos tinham de trilhar. O regente sentia que os tempos eram de investida. Nesse tempo a banda tocava nos templos, nos adros, nas ruas, nas eiras e também muito nos acampamentos. Maurício Rocha, um dos elementos dos Grupo 13, lembra-nos esse passado distante. Conta-nos que, nessa época, até concediam dois dias aos Escutas da Banda para irem a pé *“tocar ao S. João d’Arga para lá estarem*

<sup>8</sup> Banda Escuteiros de Barroelas, Inauguração da Sede e Homenagem ao Fundador, Julho de 1999. p. 23

*a brilhantar a festa nos dois dias, mesmo assim, esses dias foram considerados como trabalho de campo". E como a memória cresce nestas ocasiões, Maurício relata-nos, ainda, que no "acampamento Nacional de Monserrate, o campo do Grupo Clã 13 de Capareiros, foi visitado por gente de todo o país, que ali foram com as suas representações para admirar o gosto pela cultura do nosso campo. Todos os presentes no Acampamento foram em romagem ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, no largo 9 de Abril e os toques de homenagem aos mortos foram executados pela Banda dos Escuteiros que, depois abriu o desfile pela cidade de Viana, com muita gente a admirar aquela festa que nunca mais se esquece ", remata com nostalgia desses tempos <sup>9</sup>.*

Em 1944, um facto novo vem alterar o quotidiano e a imagem da banda. Em consequência de ordens superiores, que impunham novas regras, a actividade musical foi extinta do escutismo. Em cumprimento do ordenado, o Grupo 13 acaba, deixa de existir. Escrito, deste modo, até parece que o sonho se tinha esfumado, mas não. A banda continuava, apenas deixava de vestir a farda dos escuteiros. Perdeu-se a vestimenta mas continuava

a chamar-se a Banda dos Escuteiros. Até porque não fazia sentido mudar de nome porque isso significaria de certo modo rejeitar a identidade ou renegar as origens, o que era impensável para a gente da banda. Neste período prosseguia-se com a formação musical que contribuía decisivamente para o engrandecimento da instituição.

Depois da II Guerra Mundial, após um período de deambulações, a marcha, continuou pelas várias terras do país, seguindo o seu suave trilho. Era uma banda feliz que trazia a felicidade a todos que a conheciam. O mundo tinha atravessado a escuridão da guerra. Mesmo lá longe, as pessoas tinham sentido o troar dos canhões, nem que fosse através da leitura do jornal no barbeiro. A música da banda servia, agora, para espantar todos os males e para fazer esquecer o duro quotidiano do mundo rural. Sempre a tocar, a banda estava, em 1959, a comemorar as suas Bodas de Prata. Um momento inesquecível para a freguesia. Foram muitos aqueles que ocorreram a Barroselas para darem o seu apoio e prestarem homenagem aos homens da banda. Os homens da direcção tiveram sempre a preocupação de tornar estas comemorações numa festa popular,

<sup>9</sup> Idem



■ Barcelos, Festa das Cruzes, ano de 1974.

capaz de suscitar o entusiasmo, conquistar novos simpatizantes e, sobretudo, influenciar os mais novos pelo caminho da formação musical. A festa tinha de ser, como o povo dizia e parece que ainda diz, de arromba, porque a música estava profundamente plantada na cultura da terra. O mesmo era dizer que as pessoas estavam habituadas às actuações das filarmónicas. Assim era necessário fazer algo de encher o olho e esvaziar os

corações de alegria, para voltar a encher com mais intensidade. Nessas alturas, a música da banda abria para todos os lados e passava por entre as gargalhadas e o barulho dos brindes, mas também por entre o silêncio dos ouvidos e os aplausos das palmas. Depois de 25 anos, a banda estava viva e com uma força capaz de crescer ainda mais. Todos os músicos sabiam que ter uma banda significava nunca não estar só. Havia espaço, tempo, homens

e amizade para o fazer. Era bom fazer anos e pensar no prodígio de como tudo aconteceu ou como tudo vai acontecendo em direcção à frente dos dias.

O tempo passou rapidamente. Sem dar por isso, estávamos em 1984 a celebrar as Bodas de Ouro. Nesta altura já todos tinham consciência que se tinha criado algo de belo. Ao longo de 50 anos, construiu-se uma memória de felicidade, uma simples vontade tinha permitido o sonho que foi comemorado com grande sentir. Se para muitos forasteiros e curiosos o acontecimento poderia parecer uma festa, para os da terra o que se estava a celebrar eram anos de história. Anos de muitas dificuldades mas também de grandes triunfos. A festa saiu à rua, a multidão via passar a banda enfileirada de um e outro lado do percurso. Alguns acampados em grupos nos sítios mais altos batiam palmas e gritavam vivas. Foi também tempo de homenagem ao fundador: Armindo Barbosa. O estimado cidadão, grande pedagogo e músico, via, assim, o seu trabalho reconhecido quer por entidades privadas ou colectivas e, sobretudo, por outras Bandas de Música e pela Câmara Municipal de Viana do

Castelo que o distinguiu com a Medalha de Prata de Mérito Municipal <sup>10</sup>. A Câmara Municipal de Caminha atribuiu-lhe também o Diploma de Mérito dos Encontros de Bandas do Alto-Minho. Foi igualmente homenageado pelo Centro Cultural Recreativo das Neves <sup>11</sup>. O pintor, que amava tanto a música, ficará sempre na História de Barroselas como o Pai, Regente e Maestro da Banda dos Escuteiros. Deixou a terra no dia 16 de Outubro de 1990 mas permanecerá para sempre no coração das gentes de Capareiros. Um ano depois, um grupo de amigos e de antigos músicos prestam, junto a sua sepultura, uma sentida homenagem, onde gravam na pedra palavras de pungente saudade: *Foste o sonho do verso mavioso/Que pulsa na beleza da canção/És ternura, poema e melodia/Destas vidas que sentem gratidão...* Um gesto simples que reúne os mais nobres sentimentos.

Em Julho 1999 realiza-se um desejo antigo da banda. Antes poderia parecer um querer longínquo, mas, na altura, todos sentiam alegria pela inauguração da Sede, que foi feita a partir da reconstrução da antiga casa do fundador. Mais um dia inesquecível na história da instituição.

<sup>10</sup> Na comemoração dos 65 anos de actividade, Defensor Moura, Presidente da Câmara de Viana do Castelo, deixou para a posteridade as seguintes palavras, que retratam exemplarmente o papel que a banda teve no panorama musical do concelho. Para o Presidente uma das glórias de Barroselas “é ser única, dentre as 40 freguesias do concelho, que resistiu à onda de desmotivação e desalento causadora do desaparecimento de todas as Bandas Filarmónicas da área do município, inclusive as existentes na cidade, sendo actualmente a única povoação vianense que mantém não um, mas dois, desses beneméritos grupos musicais. Mais à frente reconhece o importante papel que as bandas desempenham “na promoção das respectivas terras e na solenização dos actos oficiais do município, como proporcionam aos seus componentes formação artística que lhes valoriza a personalidade e lhes adoça a sensibilidade, facultando-lhes, ao mesmo tempo, viagens enriquecedoras da sua bagagem cultural” in Banda Escuteiros de Barroselas, Inauguração da Sede e Homenagem ao Fundador, Julho de 1999. p. 17

<sup>11</sup> Idem p. 24

Após esse ano, a banda passou a ter o seu espaço, restaurado, com rigor, onde passou a funcionar a escola de música. Mas, além de um espaço de formação musical, transformou-se também num local de convívio para os músicos e amigos da banda. Na reconstrução da sua sede, importa mencionar os contributos generosos da Câmara Municipal de Viana do Castelo, do Governo Civil e da Junta de Freguesia, bem como os contributos de outros tantos que, apesar de permanecerem no anonimato, todos sabem quem são.

Ao longo da sua existência a Banda dos Escuteiros tem percorrido todo o país, quer na animação das Festas Religiosas quer na participação em inúmeros Concertos ou em Encontros de Bandas <sup>12</sup>. Esteve sempre presente, salvo raras excepções, nos Encontros de Bandas de Música do Alto-Minho, que se realizaram graças ao empenho do saudoso maestro Miguel Oliveira e ao patrocínio do Sr. Governador Civil de Viana do Castelo: Dr. Alberto Marques Oliveira e Silva, um grande amigo da banda. A banda participou também como convidada no Concurso/Programa da R.T.P., Sol de Verão, ao lado da Banda do Crato. Também por convite participou no Concurso de Bandas

Civis, promovido pela EDP, no qual obteve boa nota classificativa. Em colaboração próxima e conforme solicitação do Grupo Cénico de Barroelas, participou nas duas Semanas Culturais, nos anos de 1984 e 1985. Em 1998 participou na Comemoração do 30º do Grupo de Teatro e aproveitou a oportunidade para apresentar a sua Orquestra Ligeira.

A banda conta hoje com 65 elementos, com idades compreendidas entre os 8 e os 70 anos, contudo 75% dos músicos tem idade inferior a 30 anos. É esta juventude que está também na origem da Orquestra Ligeira, do Coro Misto e do Coro Masculino. Dispõe de uma escola de música e de uma gestão empreendedora do Sr. Manuel Ferros. Um homem generoso que muito tem dado à banda que tanto gosta. A formação musical está a cargo do Maestro, Álvaro de Sousa, neto do fundador, que aceitou em continuar com a Promessa, sempre com ambição de fazer melhor e com a convicção de que a sua constante formação será sempre o maior contributo para que o sonho não morra e permaneça fiel à herança dos seus antecessores. Mas além do Álvaro a banda teve, ao longo da sua existência, outros regentes como Ângelo Barbosa

<sup>12</sup> Aqui destacamos os encontros realizados em Tomar, tendo como anfitriã a Banda Gualdim Pais, na Vila do Crato numa organização da respectiva banda e em Borba a convite da banda da terra.

e Fernando Peixoto. Homens que muito deram do seu talento para que esta seja, hoje, merecedora da importância que lhe atribuem.

A obra permanece inacabada na planície da vida. No presente muitos são os fiéis à Promessa inicial. A música continua a ser para eles o sonho herdado do passado e do destino, mas de um destino que não é escravo do devir mas daquilo que cada um poderá fazer. Hoje são muitos, mas mesmo muitos, aqueles que estão dispostos a levar a banda pelos caminhos da natureza mais enérgica, onde nem mesmo as montanhas podem fazer que o som dos sopros se extinga, lá para esses lados de Capareiros, porque a partilha e a vontade conjunta nasceram com a banda e marcarão sempre o seu andamento.







BANDA MUSICAL VELHA DE BARROSELAS



■ Isaac Damasceno Rego à frente dos seus homens. Está na regência da banda desde inícios da década de 80.

As intenções do agir, frequentemente, embrulhadas no presente, acabam por contribuir para o levantamento de maiores pontes a caminho do passado. A memória presa, no interior de cada um, vai perdendo vigor e precisão em relação ao que realmente aconteceu. É precisamente neste âmbito de reflexão que temos de contextualizar a fundação da Banda Velha de Barrocelas. Sabemos que é Velha pela idade e pelo respeito que merece mastambém para evitar a eventualidade de confusão com a outra banda da terra: a Banda dos Escuteiros que nasceu por meados da década de trinta, do século XX. A Banda Velha, como é comumente conhecida, é a mais antiga associação musical e

cultural da Vila de Barrocelas.

Se não existe documento escrito que comprove, com objectividade, a fundação, sabemos, todavia, “por testemunho exarado no livro de actas de *Confraria de Santana, pela mão do padre Francisco Maciel da Costa que actuou com a Banda de Vila Franca do Lima, há muito extinta, no dia 24 de Julho do recuado ano de 1864, na festa da inauguração da renovada capela de Santa Ana, na freguesia de Carvoeiro*”<sup>1</sup>. O ano de 1864 confirma, de facto, o primeiro tempo documentado da existência da banda, porém, para que essa aparição pública fosse possível era necessária uma estrutura organizativa anterior que permitisse tal actuação. A tradição oral

<sup>1</sup> Banda Velha de Barrocelas – Historial, Manuel Miranda da Costa Pereira. Esta informação foi retirada de uma síntese histórica que nos foi gentilmente cedida pelo Sr. Costa Pereira: um amigo da instituição que sempre manifestou um particular interesse pela história da banda. Esta informação preciosa deve-se ao distinto investigador Dr. Fernando Falcão Machado que encontrou os pagamentos às bandas lançados nas respectivas contas da confraria.



■ Ao centro, sem uniforme, vislumbramos o maestro Valeriano Freitas Portela, que morreu ainda novo, vítima da tuberculose.

da terra, consubstanciada nas palavras dos mais antigos e até daqueles que já partiram, informa-nos de uma outra actuação que terá acontecido dois anos antes, mais precisamente no ano de 1859, no dia 29 de Junho, dia de S. Pedro, o padroeiro da freguesia. Aproveitando a eventual presença da banda nas cerimónias, Frei Custódio de Jesus Vieira Lopes, depois da benção, terá proferido as seguintes palavras: *“Tomai os vossos instrumentos e com a vossa música louvai o Senhor, que, se assim fizerdes, nunca esta banda irá acabar”*<sup>2</sup>.

É esta benção que nos trás a luz da origem temporal, mas o mistério continua a escurecer, ou melhor, a esconder o exacto ano, mês ou dia da fundação da banda. Os documentos escritos, como sabemos, corroboram a cronologia das instituições, uma vez que facultam as informações temporais que permitem enquadrar a compreensão do passado num quadro de sucessão onde emerge

<sup>2</sup> Banda Velha de Barrocelas – Historial, Manuel Miranda da Costa Pereira

a linha evolutiva da banda. Mas a História também se faz de silêncios que precipitam as interrogações que acabam por estimular uma compreensão maior do objecto estudado, independentemente, desta ser mais categórica ou frágil. Tanto o documento escrito como a tradição oral fundamentam as primeiras actuações da banda, mas, como adiantámos anteriormente, é muito provável que a existência da instituição musical seja anterior a 1859 porque, se ela existia nessa altura, isso pressupõe a existência de um trabalho de formação prévio de muito tempo.

A origem temporal permanece assim embrulhada em alguma penumbra. Contudo, a partir da benção, a banda parecia ter sido criada para perdurar, como o futuro veio a provar. Como espaço cultural, acolhedor e com especial sentido de sociabilidade, soube sempre, ao longo de mais de um século, atrair vários músicos da terra que deram sempre o seu tempo e o seu talento. Manuel José Meira de Oliveira, natural de Barrocelas, emerge na longa vida da banda como o fundador e primeiro regente. Durante vinte anos esteve ao seu serviço. Conta-se que, além de músico competente, era um excelente condutor de homens e exímio organizador<sup>3</sup>. As

primeiras sementes estavam lançadas à terra, cabia, agora, ao seu filho José Meira de Oliveira cuidar da sementeira para assegurar, no futuro, a abundância de um Outono feliz. Durante uma década trabalhou e vigiou para assegurar o crescimento da instituição. Foi, entretanto, substituído por Manuel Macinos que, por motivo de doença, apenas permaneceu na regência durante oito anos. De imediato é substituído pelo seu irmão, de nome João, que fará a transição na regência para o seu sobrinho: o célebre maestro Adolfo Costa <sup>4</sup>. Estávamos em 1900, na aurora do século XX. Puccini, em Roma, fazia a primeira apresentação da ópera Tosca e Picasso fazia a sua primeira exposição individual. Um novo tempo nascia e um novo tempo aparecia então na vida do regente Adolfo que assumirá um destaque impar no futuro da banda. Permanecerá, durante 40 anos como maestro. Uma vida inteira, como se costuma dizer, tanto tempo que alguns até chamavam a banda de “Banda do Adolfo”. A terra ficava, por instantes, escondida por detrás da vontade de um regente que, quando necessário, colocava as suas economias ao serviço da instituição. O seu amor à música era maior que o dinheiro. Durante o seu tempo de regência destacamos algumas

actuações que ainda hoje permanecem guardadas nas memórias de muitos barroselenses. Logo após a proclamação da República, nomeou-se o Governo Provisório de Teófilo Braga para evitar um vazio político que poderia pôr em causa a sua sobrevivência. Simultaneamente, organizaram-se por todo país festas para promover e fomentar o reconhecimento político do novo regime. Neste contexto os núcleos republicanos organizaram várias festas de apoio à República. A Banda Velha participa com entusiasmo nesses acontecimentos. Muitos dos músicos ainda não estariam bem informados acerca do novo regime, mas que importava? O que era importante era tocar, tocar até não poder mais. Mas o mais caricato aconteceu, aconteceu mesmo. A mesma banda que antes tocou pelo júbilo da vitória dos republicanos, passado um ano tocava para os seus grandes inimigos: os monárquicos. Mas sejamos honestos, o republicanismo não tinha grande expressão no mundo rural, nem grande parte da população compreendia ou estava informada sobre os seus pressupostos ideológicos. Para muitos era uma doutrina distante que pouco ou nada lhes dizia. Quando começaram a perceber os intentos legislativos dos republicanos, rapidamente

<sup>3</sup> Manuel Miranda da Costa Pereira, A Banda Velha de Barroelas, Aurora do Lima, 29 de Dezembro de 1995

<sup>4</sup> Idem

compreenderam que essa doutrina atacava os valores que davam sentido a sua existência. Por isso até se compreende que, após os primeiros sucessos do Paiva Couceiro, o povo tenha saído à rua para gritar vivas à Monarquia. O Norte do país estremeceu de júbilo com tantas saudações ao Rei. Sem desacatos de maior, as manifestações de apoio sucediam-se espontâneas, ininterruptas e eminentemente populares, por todas as cidades, vilas e freguesias. Por todo o lado a mesma alegria: o repicar solene dos sinos, bandeiras azuis e brancas a ondular ao vento nos mastros dos edifícios públicos e nas sacadas das casas; nas ruas, as populações dão largas à sua alegria, celebram-se Missas de Acção de Graças, rebentam foguetes no ar e tocam as bandas nas ruas. Mais uma vez deparamos com o regente Adolfo Costa a dirigir a banda, que, então, tocava vivas à velha ordem. Sim à velha ordem que pelo menos respeitava a nossa religião, cogitavam alguns dos músicos. À frente dos festejos estava o monárquico António Lolinha que conduzia a banda por entre os caminhos da freguesia ao som da célebre obra musical “O Talassa”. Uma arruada única que ainda hoje vive na memória dos mais velhos <sup>5</sup>. Pouco tempo depois voltava-se a tocar

para a República. Para a República, mas sobretudo para o povo, para o povo amante das romarias, até porque os republicanos não gostavam de grandes coreografias fora dos templos. Até meados dos anos 40 do século XX, sob a batuta do eterno Adolfo, a banda animou várias festas e romarias com particular destaque para a Feira das Cinzas de Barrocelas. Adolfo Costa foi um dos mais notáveis maestros do seu tempo. Com ele a banda atinge os píncaros da fama. Os anos trinta foram, de facto, os anos dourados da banda. Altura em que a banda participou num concurso de Bandas Cívicas, em Viana do Castelo, e obteve o primeiro prémio. Um feito notável, arrebatado num certame onde estavam presentes algumas das mais distintas bandas do país. Tudo isto aconteceu na presença do célebre Maestro Ribeiro Dantas que, na altura, era o responsável principal pelo concurso. O troféu, além de ser o reconhecimento do talento do maestro e do virtuosismo dos músicos, era também um importante legado para as gerações futuras <sup>6</sup>. Durante 40 anos, com apenas 25 elementos, Adolfo Costa levou o nome da banda e da terra a vários pontos do país, sempre com o desejo de transmitir aos outros a felicidade e o prazer que a

<sup>5</sup> Banda Velha de Barrocelas – Historial, Manuel Miranda da Costa Pereira. Memória descritiva que é parte integrante do espólio documental da banda.

música lhe dava. Nesta época todos manifestavam grande entusiasmo pela banda, somente assim se explica a notoriedade conseguida.

Depois de quatro décadas ao serviço da banda e da terra, o cansaço e até alguma incompreensão tomam conta de Adolfo Costa. Assim, para evitar um clima de instabilidade dentro da instituição, a regência é entregue a Manuel José dos Santos, mais conhecido na terra por Branca Mé, homem de sete talentos, um virtuoso executante de todos os instrumentos de sopro, percussão e viola. Mas o seu talento não anulava o seu carácter intempestivo que era incompatível com os diversos anseios dos músicos da banda. Para evitar conflitos maiores resolve deixar a banda no ano de 1943. O futuro estava, porém, assegurado por Valeriano Feitas Portela, sobrinho de Adolfo Costa. Um talento musical incomparável: era assim que alguns falavam. Além de músico, mostrava dotes especiais para o canto lírico. Era um músico completo a quem se premonitava um futuro radioso. Todavia a tuberculose galopante, que tantas pessoas vitimou na época, vem roubar à banda um dos seus maiores maestros<sup>7</sup>. A maldita doença do seu tempo matou muitos e matou-o a ele também; roubou-lhe a

vida, quando o tempo merecido estava a entrar na sua vida. Valeriano nem teve tempo de realizar o seu projecto, apenas esteve um ano a frente da banda. Morreu em 1944. Justino Meira de Oliveira, bisneto do fundador, assumiu, na altura, o lugar maestro por um período de 3 anos.

Em 1947 é a vez de Aníbal Costa, natural de Mujães, substituir no comando musical da banda Domingos Costa que ocupou o lugar por pouco tempo. Na longa história da banda era o primeiro maestro de fora, de fora da terra, como fala o povo. Neste período a banda aumenta, quer em quantidade quer em qualidade, chegando mesmo a deslocar-se ao Algarve juntamente com a Banda dos Escuteiros, para apresentação da peça “Auto de Floripes”, em Silves. Mas na década de sessenta a emigração leva o Maestro Aníbal para França. Parecia um destino, um desejo concentrado de uma vida nova que abriu uma nova vaga na regência que veio a ser ocupada pelo Maestro Artur Gonçalves do Rego, também da freguesia vizinha de Mujães, mas por pouco tempo. Pouco tempo depois um novo maestro assumia os destinos da banda. Manuel Portela da Silva era o seu nome. Desde início mostrou uma

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> Manuel Miranda da Costa Pereira, A Banda Velha de Barroelas, Aurora do Lima, 29 de Dezembro de 1995

clara preocupação em renovar os quadros da banda, o que não significava afastar simplesmente os mais velhos, em particular aqueles que não evidenciavam capacidade de evolução. Renovar, significava simplesmente formar novos elementos capazes de darem uma nova dinâmica à banda. Era preciso sangue novo. Este maestro, culto e trabalhador, esteve na regência da banda durante vinte anos. Em meados dos anos oitenta, alguns conflitos de gerações entre músicos criaram, no interior da banda, um clima de instabilidade que acabou por influenciar a sua saída. Manuel Portela partirá, então, para Paredes de Coura, onde passará a reger a Banda Miguel Dantas. Neste contexto conturbado, a banda acaba por entrar em letargia por um curto período de tempo.

Os tocadores de metal, como os agricultores após as colheitas, deixaram os instrumentos calados nos sítios mais sombrios. A memória dos grandes tempos ainda confortava, nesse tempo, o silêncio da banda. Não se ouvia uma nota. A tristeza é mais fácil de comunicar que a felicidade e isso via-se em todos os rostos dos músicos. Contudo, a mente dos músicos concentrava-se no sonho de novos tempos, que, no fim, era o regresso aos tempos

de outrora. Não havia resignação mas apenas a esperança do regresso do grande dia. A banda, que fora o centro da alegria em torno da qual gravitavam os barroselenses, estava nesse tempo curtida de pesares e desalentos. A melancolia erguia as suas grades, mas por pouco tempo. Graças a Secundino Ferros a banda renasce, com mais vida que nunca, apesar de permanecer apenas dois anos à frente da mesma. É neste tempo, mais concretamente a 12 de Janeiro de 1984, que esta é integrada na Casa do Povo. Uma estratégia que muitas bandas seguiram para que o novo enquadramento pudesse ser um factor de maior estabilidade. A partir de daí a banda passou a ensaiar nas instalações da Casa do Povo, como acontecia com outras associações da terra. Ali era o grande espaço cultural de Barroselas. Contudo, a vida profissional do maestro ocupava-lhe tanto tempo, que pouco restava para os ensaios. Assim, a saída foi inevitável. A situação não era nova, a banda estava de novo sem maestro. As palavras eternas de Frei Custódio vinham então à memória e reactualizavam a vontade dos homens de não faltarem à profecia. Para evitar a extinção, a família Rego ergue-se para ser fiel aos desígnios iniciais.



■ Nesta foto reconhecemos, no centro, a figura do maestro Manuel Portela da Silva, que na terra era conhecido por Jerónimo.

Após a saída do Maestro Secundino, Isaac Damasceno Oliveira Rego, trineto do fundador, aceita a regência da instituição, liderança que manterá até aos nossos dias. A partir de então a instituição passará por um tempo novo com objectivo de recrutar novos músicos e adquirir novos instrumentos. Simultaneamente, foram lançados os alicerces para a criação de uma escola de música que passa a funcionar a partir de 1984. Este novo equipamento procurava, e ainda hoje o faz, a formação de jovens, independentemente do sexo e da naturalidade. O que se pretendia era fomentar a educação musical da juventude de Barrocelas ou das freguesias

vizinhas, com a intenção de promover uma formação plena, capaz de dinamizar e estimular uma cidadania mais atenta e interveniente. A família Rego, com grandes tradições musicais, passará a ter um papel activo na definição dos novos caminhos que a banda trilhará. Isaac tem de facto grande mérito na manutenção do vigor e aprumo da banda, bem como na promoção de um nível artístico consentâneo com a nobreza da instituição.

Mas se a história se faz com a proeminência, também se faz que com aqueles, que no silêncio do seu altruísmo, serviram a banda com um sentido íntimo da ternura. Alguns deles foram

regentes por curto tempo, mas a generosidade do servir impõe que os seus nomes fiquem aqui gravados. Domingos Costa (Canetas), seu filho Domingos Fernandes da Costa e Artur Gonçalves do Rego, todos de Mujães, merecem aqui a nossa homenagem. Da vasta enumeração dos Regentes constatamos que, na maior parte do tempo, a banda foi dirigida por familiares do fundador. Mas todos estavam conscientes do poder das palavras do Frei Custódio; sentiam que tinham que cumprir a promessa inicial porque sabiam que se o fizessem a eternidade da instituição estava assegurada, quer pela palavra divina quer pela fidelidade do coração.

Como a fidelidade era sentida, em 1987, um grupo de pessoas ligadas à direcção resolveu atribuir personalidade jurídica à banda, através da formação de uma associação, sem fins lucrativos, com objectivo de promover a formação de músicos e divulgar a música na região, intento fundamental para assegurar a própria sobrevivência da banda <sup>8</sup>.

Uma instituição não é apenas composta por aqueles que abrem o caminho, mas também por aqueles que mostram vontade de seguir, com todo o sacrifício que isso possa exigir. E aqui

lembramos o nome de ilustres músicos que, ao longo de várias gerações, passaram ao serviço da terra e da instituição que representavam. Mais importante que os nomes ficam os apelidos pelos quais eram conhecidos na terra, alguns dos quais permanecerão para sempre presos ao silêncio do tempo mas agarrados ao grito da alma do povo que não esquece. De uma vasta galeria de ilustres enumeramos: o “Dâmaso”; o “Melquíades”; os “Santos”, os “Macinos”; os “Juras”, os “Oliveiras”; os “Canetas”; o “Silva Caixa”; os “Quitos”; o “Maurício”; o “Covinha” e, por último, os “Araújos”. Em 1996, os mais antigos homens da banda como José Fernandes do Rego, conhecido por Quitos e Manuel Maurício da Rocha Costa, o Maurício, foram objecto de uma bonita homenagem <sup>9</sup>. Estavam ali para ilustrar a dedicação e amor à banda. Na mesma altura prestou-se igualmente homenagem àqueles que já tinham partido. Quantos momentos de nostalgia assaltaram os dois homenageados nesse dia? Quantas festas vieram à memória? Das festas que não se esquecem, por muito que o tempo passe. Quantos momentos difíceis tiveram que enfrentar? Quantos momentos de boa disposição lembraram o caricato

<sup>8</sup> Escritura Notarial efectuada no 2º Cartório da Secretaria Notarial de Viana do Castelo, no dia 27 de Julho de 1987. Compareceram como outorgantes: José Fernandes do Rego, José Joaquim Fernandes do Rego, Olímpio Martins Pereira, Domingos Rodrigues Meira, José António Martins Monteiro, Isaac Damasceno Oliveira Rego, Jorge Manuel Oliveira Rego, Elísio de Sousa da Rocha Maciel, Amaro Maria Gomes da Cruz e António Augusto Fernandes do Rego.

<sup>9</sup> Aurora do Lima, A Banda Velha Homenageia Antigos Componentes, 6 de Setembro de 1996.

de algumas actuações? A estas interrogações jamais poderemos responder com objectividade. Mas que importa isso? Facilmente chegaremos lá, ao tempo ido, para tal basta pensar com coração ou perguntar à voz mais antigos, que ainda, são <sup>10</sup>.

No presente momento, a banda mostra um vigor que não é difícil de compreender se atendermos que o carácter do seu Maestro Isaac Rego é um exemplo de perseverança e empenho para todos os músicos. Uma pessoa emotiva e com uma grandeza de alma que assegura com grande alegria o futuro da banda. Um homem preparado para os desígnios reclamados pela instituição, que é hoje um espaço acolhedor, que atrai vários jovens que mostram um grande desejo de tocar. Em 1996 a Câmara Municipal de Viana do Castelo decide premiar a banda com o título de Instituição de Mérito, pela formação musical dos jovens e pelo seu contributo na difusão da cultura musical no concelho, no país e no estrangeiro. Um gesto simpático que reconhece, no fundo, o trabalho desenvolvido em prol da cultura do concelho <sup>11</sup>.

Ao longo de cento e quarenta e um anos, a Banda Velha foi a banda sonora da vida das gentes de Barroelas. Os tempos mudavam, as ideologias,

as instituições e as pessoas mudavam também, mas a banda continuou sempre a tocar. Para uns a sua música confirmaria o fim de uma época para outros anunciaria o começar de um novo tempo. A banda tocou sempre nos funerais, nos casamentos, nas festas profanas, nas cerimónias religiosas e nas muitas inaugurações da terra <sup>12</sup>. Sempre a tocar, na tristeza e na alegria, mas sempre a tocar, sempre a tocar, porque a música acompanha sempre a vida.



<sup>10</sup> Mesmo depois de deixaram os seus lugares aos executantes mais novos, nunca deixaram a banda. José Quitos permaneceu ligado à organização dos serviços Administrativos e à Escola de Música. O Maurício, excelente clarinetista, foi durante anos formador de novos aprendizes.

<sup>11</sup> Em 1996 a Banda era composta por 45 elementos, dos quais 37 tinham menos de 24 anos, havendo apenas 4 cuja idade ultrapassava os 50 anos.

<sup>12</sup> A banda tocou sempre nos acontecimentos importantes da terra. Nas inauguração da Ponte de Vale, que liga Barroelas a Tregosa, em 1937, na inauguração da Luz Eléctrica, em 1957, na inauguração do Restauro da Igreja de Barroelas, em 1959 e na inauguração da rede de água domiciliária em Junho de 1985.



4

BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPOSENDE



■ A banda no ano de 1945.

A História da Banda dos Bombeiros de Espoense é uma história feliz, fruto das circunstâncias do tempo e da vontade indómita de um homem chamado Manuel Rodrigues Laranjeira. O desenho da felicidade começou no ano de 1922, em S. Paio de Antas, no mesmo ano em que Stravinsky acabou de compor a ópera Maura. Foi aqui, neste tempo, que o sonho começou a germinar. Estávamos no dia 22 Abril de 1894, quando Manuel, mais tarde conhecido por Mestre Laranjeira, chegou ao mundo. Desde tenra idade, iniciou a sua formação musical. As fontes orais, agarradas à memória colectiva dos homens da terra, dizem que foi a partir dos quinze anos que aprendeu as primeiras

lições musicais. Nesse tempo, a sua formação decorria no seio da célebre Banda de Belinho. Era feliz naquele ambiente de música, de convívio, de partilha e de festa que alegrava todos sem excepção. Já nesta altura se destacava pelas suas qualidades.

A sangria emigratória para o Brasil, de finais do século XIX, acaba por colocá-lo à frente da regência da banda. O maestro de então, não sabemos com que esperança, é arrastado pelo caudal da emigração e abre um lugar na regência. Manuel aproveita a circunstância e assume o comando artístico. Contudo, a volta inesperada do maestro à pátria suscita alguns conflitos no seio da instituição.

Manuel Laranjeira não mostrava vontade de devolver a regência. Do outro lado, o maestro regressado não estava disposto a assumir outro lugar na banda que não fosse o da chefia. Manuel Laranjeira, que vivera muito, muito de vida vivida ao serviço da banda, nem sequer colocava a hipótese de perder a batuta. Neste impasse, a discórdia ganhava corpo entre os vários músicos da banda. Assim, para evitar males maiores, deixa a Banda do Belinho.

A sua saída despertou os mais contraditórios sentimentos nas gentes do Belinho que não viam com indiferença o seu gesto, mas o dissidente estava disposto a assumir os riscos da sua vontade. O desígnio que o guiava não era impossível. Junto a si tinha 13 músicos que, com os seus instrumentos usados, decidiram partilhar a nova aventura. O Mestre Laranjeira sabia que tinha de começar tudo de novo. Era preciso arranjar fardamentos e instrumentos, o que não era fácil numa altura em que as dificuldades económicas estavam agarradas à vida de todos. O enquadramento da banda numa instituição poderia ser a solução, como mais tarde veio a acontecer.

Alguma inquietação pelo fracasso inicial incubava no seu interior, mas não era suficiente

para demovê-lo da ideia de ter uma banda sua. Não era a vaidade de ser mais, apenas queria inventar, criar. Era aqui que estava a sua obstinação. O Mestre Laranjeira tinha, agora, ali ao pé o desejo e a oportunidade de ter a sua banda. Um tempo misterioso esperava-o. Iria ele ter sucesso com o seu novo projecto? Ou o fracasso esperava pelo seu tempo? Perguntavam muitos. Contudo, ninguém podia topiar o futuro, era preciso dar tempo ao tempo. Os dias seguiam daí em diante, como se de um sonho de realidade feliz se tratasse. Aqueles que têm um coração generoso nunca temem aquilo que o futuro lhes possa pedir. O sonho de tocar, pela primeira vez com a sua banda, parecia levar anos a chegar, mas um dia teria de acontecer.

Mas antes era preciso começar a ensaiar e arranjar gente para fazê-lo. Começou com os seus 13 seguidores. Nascia assim a Banda Marcial de S. Paio de Antas. Era o ano de 1922, o regente da banda nova tinha apenas 28 anos. Uma grande agitação trespassava todos, tanto nos que ficavam como naqueles que partiam. Isolado, num tempo que não podia adivinhar; separado de alguns amigos, triste pela ruptura que, no entanto, não mudava nada, mesmo nada, continuava a ser inteiramente

ele mesmo. Nem um sinal da mínima aflição, porque a hora do desentendimento tinha passado. Libertava-se num sentido novo que desejava descobrir. Não era um prodígio, porém, sabia que a sua inteligência e o seu trabalho asseguravam, para si e para os féis músicos, um destino seguro e feliz. Era necessário fazer alguns investimentos que as bolsas individuais não podiam satisfazer. Nesta altura um orgulho, mergulhado no escuro, medrava no seu íntimo. Não havia que desesperar, o tempo era ainda de fé.

Uma luz surgiu com o apoio de João Vasconcelos, então Comandante dos Bombeiros Voluntários. Os dissidentes tinham, finalmente, quem os ajudasse. Em 1923 nascem os primeiros estatutos que enquadram a integração da banda no seio da corporação dos bombeiros<sup>1</sup>. A Banda Marcial de S. Paio de Antas morre para dar lugar à Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende. Enquanto isso, o Maestro investe na sua formação musical. As coisas pareciam correr. A saída tinha deixado um fundo de melancolia nos músicos e na gente da freguesia, contudo, a resignação ao destino nunca se apoderou das suas almas. Este é o privilégio daqueles que sonham. Durante três anos muitos

dias foram ocupados com muitos ensaios e com muitos ingressos. Alguns entraram na banda para fugir à solidão, outros porque pensavam que vida não era apenas mourejar nos campos ou velejar no mar, os restantes sentiam que o amor à música era grande demais para ficarem quietos.

A primeira apresentação pública aconteceu em Esposende em 1925<sup>2</sup>. Era Julho. Muitos foram aqueles que acorreram junto ao Hospital, onde a banda foi recebida, com pompa e circunstância, por um piquete de bombeiros e pelas autoridades, entre as quais destacamos as figuras de Augusto Gonçalves Enes, Domingos Costa, João Amândio e Alfredo Dias Ferreira. Discursou para os presentes António Carvalho Torrinhos, ilustre professor, natural S. Paio de Antas. Esgotadas as palavras, a banda executou o hino do Club Fluvial de Esposende. Como o tempo estava de chuva não tiveram oportunidade de mostrar o resto do repertório que tinham preparado para animar o resto do dia. Esperaram, mas o céu não abriu. Depois de tocar, por dias e mais dias, não se falava noutra coisa. No fundo, para o Maestro tinha sido um dia quase feliz porque havia muita dificuldade a vencer, o que era bom augúrio para conquistar a felicidade.

<sup>1</sup> O corpo estatutário é composto por 11 artigos que regulamentam a estrutura organizativa da banda, bem como definem direitos e obrigações dos sócios.

<sup>2</sup> Nos inícios de 1925, deslocaram-se a S. Paio de Antas os digníssimos: João de Vasconcelos, Comandante dos Bombeiros, João Amândio, Director do Novo Cavado e o Presidente da Câmara de Esposende, António Ferreira para definirem com rigor o enquadramento institucional da banda na Corporação dos Bombeiros. Era necessário nomear uma direcção para superintender aos destinos da banda. António Torrinhos propôs vários nomes que foram logo aceites. Assim nasceu uma direcção composta por: Augusto Gonçalves Enes, Alfredo Dias Ferreira, Domingos da Costa Neiva, António Fernandes de Sá e José António Torrinhos.

As ocasiões seriam mais que suficientes, tinha a certeza. Tinha consciência que a solidão da alma fazia renascer a memória da fraternidade. Não fora arrastado por nenhum turbilhão do acaso; sabia muito bem o que desejava.

O orgulho do feito medrava no íntimo do mestre, o que muitas vezes esbarrava com o enquadramento institucional da banda. Tomava com verdade a propriedade da banda porque tudo nasceu da sua vontade, todavia, não podia esquecer que esta era também dos bombeiros. Esta indefinição de pertença, frequentemente, alimentava conflitos entre si e os comandantes dos bombeiros que tinham também uma palavra dar, no que estava relacionado com a banda. Lembramos, aqui, alguns desentendimentos como foram aqueles que aconteceram com Carlos Oliveira Martins e João Conde que, além de presidirem aos destinos dos bombeiros, eram seus grandes amigos. Apesar da existência de vários diferendos, nunca o seu futuro esteve em causa.

Finalmente, a banda estava pronta para tocar Verão adentro, em todos os lugares. Uma espécie de empolgamento parecia andar no ar. A partir de então novos músicos entraram para a banda,

alguns entraram sem serem músicos e mais tarde já tocavam como os outros, graças ao ensino do Mestre e dos companheiros mais velhos. Com repertório constituído por marchas, pasos doubles, fantasias, rapsódias de temas populares ou tradicionais e arranjos vários de música clássica, o povo podia esquecer as tristezas da vida e alegrar o seu coração. Nos tempos posteriores, a banda contou com alguns músicos brilhantes. Entre vários destacamos o nome de Armando Meira da Cruz. O seu talento, conjuntamente com o dos restantes companheiros, assegurava o sucesso da banda. Prosseguirá mais tarde a sua carreira como regente ao serviço de outras bandas <sup>3</sup>. A partir de então, quer o Mestre quer os membros da direcção dos bombeiros tinham um objectivo comum: o de fazer crescer a banda nos seus efectivos e na qualidade musical. Era preciso lançar as mãos à obra e o primeiro passo a dar seria apostar na formação. Com o empenho conjunto do Mestre e dos músicos mais velhos a banda lá foi crescendo à semelhança das suas congéneres que, nesta altura, pululavam por todo o país. Com grandes e pequenas dificuldades a instituição tornou-se respeitável no meio filarmónico.

<sup>3</sup> Armando Meira, músico, maestro e compositor, nasceu em Antas em 1919. Iniciou a sua carreira na Banda de Antas. Em 1930 com apenas 11 anos recebeu as Primeiras lições do Mestre Laranjeira. Completou posteriormente a sua formação com o ilustre professor José Neves, do Conservatório de Música do Porto, que o habilitou com um curso profissional. Mais tarde obteve o diploma de Regente com a nota de 14 valores. Foi músico durante 21 anos e prolongou a sua carreira de maestro por 40 anos. Foi regente das bandas da Trofa, Paços de Ferreira, Guiões, Póvoa do Varzim, Rio Tinto e Amares. Esteve a frente desta última por 10 anos.



■ A banda em meados dos anos oitenta.

Com profundo rigor, o Mestre zelou sempre pelos interesses da banda. A execução musical não era a única preocupação. O apuramento das fardas era também essencial, obrigatório. Antes das actuações, tal como um general, fazia uma verdadeira inspecção às fardas. Os mais antigos lembram que até os botões brilhavam. Era implacável frente ao descuido porque achava que a má imagem ofuscava toda a eloquência musical.

Após tantas insistências, já nenhum músico considerava o seu desejo uma regra imposta. Era natural. Por fim já todos os músicos eram trespassados por um certo fascínio dos botões de metal a brilhar <sup>4</sup>. Todavia, até os músicos sabiam que o brilho não era eterno.

Mais tarde, muitos anos mais tarde, alguma luz se perdeu. Com efeito, os tempos maus vieram nas décadas de sessenta e setenta. Eram os tempos

<sup>4</sup> Ficha Técnica da Exposição: Centenário do Nascimento da Morte do Mestre Laranjeira, Dr. A. Penteadó Neiva, Dr<sup>o</sup> Ivone Baptista de Magalhães, Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende, 28 a 30 de Abril de 1995.

da guerra colonial e da emigração que roubavam os filhos à terra e faziam crescer as dificuldades. Nesta altura já não se falava em crescer, mas sim resistir, sobreviver. A escola de música deixa de funcionar e, dos 32 elementos que compunham a banda, somente meia dúzia eram da terra os restantes eram naturais das freguesias vizinhas ou até de terras mais longínquas. Em 1976, o Governo Civil consciente das grandes dificuldades da banda concede-lhe um subsídio de 15.000\$00. Nunca a banda enfrentou tempos tão difíceis. No ano seguinte, pela primeira vez deixava de participar na procissão do Senhor dos Enfermos. Foi necessário contratar os serviços da Banda do Belinho. As adversidades cresciam de dia para dia. Tudo parecia correr mal.

Era também notório que a idade avançada do Maestro bem como as suas ideias entravam em conflito com alguns músicos e dirigentes que mostravam o desejo de renovar a instituição, uma vez que os mais velhos eram incapazes de responder às novas exigências da execução musical. Se juntarmos a isto rivalidades pessoais, o ambiente era, de facto, indesejável. Sozinho, o Maestro parecia uma ilha. Apenas meia dúzia

de músicos estavam do seu lado. Nem mesmo um outro subsídio de 40.000\$00, atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura, no ano de 1977, poderia travar a crise que não era somente económica mas também institucional. No final da sua vida, Laranjeira sentia que a melancolia tomava conta dele. Era inútil lutar contra o tempo. No ano seguinte, a 19 de Janeiro, o Mestre Laranjeira, com 84 anos, deixa o mundo, com a sua banda praticamente extinta.

Na consideração do percurso do mestre deverá, no entanto, atender-se às suas origens e ao amor que este teve pela sua terra, para assim melhor compreenderemos o seu altruísmo colocado ao serviço da banda. Talvez a sua história fosse diferente, se este partisse para outras terras à procura de novas aventuras musicais, mas não. Escolheu sempre Antas. O seu apego aos temas populares procurava desfazer o monólogo e transportar a música para dentro do quotidiano, ou seja, a música é feita por homens e para todos os homens. Não estava disposto a interpretações arriscadas e sem propósito; preferia sublinhar, com o talento dos seus músicos, a beleza das composições populares.

A banda entraria num longo pousio. Parecia

um castigo imerecido, que ninguém sabia quanto tempo duraria. Mas sentia-se que era necessário fazer algo para fazer renascer a banda. Uma primeira esperança nasce de uma reunião de 30 de Setembro de 1983. Anselmo Saleiro Viana, Presidente da Assembleia de Freguesia, propõe apoiar a formação e reestruturação da banda. Um grupo de 18 músicos estavam dispostos, como se costuma dizer, a ir para a frente mas precisavam de apoios, que foram prontamente reunidos. A 2 de Outubro, desse mesmo ano, a banda volta a tocar em público, na inauguração do Campo Desportivo António Correia de Oliveira, graças ao empenho dos 18 persistentes músicos. Entretanto Manuel Meira da Cruz, ilustre filho da terra a residir em Lisboa, inscreve a banda no Registo Nacional de Pessoas Colectivas <sup>5</sup>. Ao mesmo tempo e mais uma vez, os Bombeiros Voluntários de Esposende manifestam apoio incondicional à banda e assumem o compromisso de pertencer à futura direcção escolhida. A 1 de Janeiro de 1984, com a presença de Manuel Meira da Cruz, formou-se uma Comissão Administrativa para gerir os futuros interesses da instituição <sup>6</sup>.

O tempo corria depressa. No final de Janeiro

é feita a escritura notarial. A instituição passa a denominar-se Associação Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende. Março, passou um mês e pouco. No aniversário dos Bombeiros Voluntários a Banda faz, para contento das gentes de Antas, a sua apresentação pública, após processo de formalização legal. O passo seguinte foi o lançamento de uma campanha de angariação fundos. O que havia a fazer era lutar, o tempo dos lamentos não ocupava o pensamento desta nobre gente. No final do ano de 1984, a banda já tocava com nova farda e apresentava Leonardo Vieira como regente. Passados três anos a presidência era assumida pelo Sr. Manuel Alves Meira da Cruz que consolidou o trabalho dos seus precursores. Nesta altura a banda regressa aos coretos das várias festas da região.

Nos tempos seguintes, a grande preocupação da Direcção estava centrada na formação musical. Nascia, assim, a Escola de Música que funcionava nas instalações da Junta de Freguesia. E aqui destacamos a preciosa ajuda da Dr<sup>a</sup> Alda de Sá e de outras pessoas da terra que viam na formação o caminho mais certo para assegurar o seu crescimento. Começava finalmente a renovação

<sup>5</sup> O pedido de admissibilidade de associação foi subscrito, na altura, por Anselmo Saleiro Viana, Manuel Caseiro, Manuel Faria Viana, Albino Pereira de Sá e Alberto Pereira Viana.

<sup>6</sup> Essa Comissão era formada por Anselmo Saleiro Viana, Albino Pereira de Sá, Alberto Pereira Viana, Manuel Ferreira da Cruz, Manuel António Barros Viana, Cassiano Neiva Viana, Manuel Faria Viana, Manuel Caseiro e Francisco Lopes Lapeiro.

■ Ano de 2004. O Maestro Valdemar Sequeira ocupa o centro, na primeira fila.



pelo ingresso dos mais jovens, que seriam a garantia de um futuro mais seguro. Na verdade, todos os amigos se esforçavam pelo relançamento da banda. No ano de 1989, o empresário Manuel Augusto Saleiro da Cruz foi eleito Presidente. Graças ao seu empenho e capacidade de gestão, a banda conhece um novo vigor. Tempos novos e novos objectivos levaram à contratação de Valdemar Nascimento Sequeira para maestro, lugar que ainda ocupa no tempo presente. Quando chegou a Esposende já tinha experimentando a arte da regência nas bandas filarmónicas de Castanheira de Pêra e de Piães <sup>7</sup>. A vontade e o currículo do Maestro Valdemar faziam adivinhar um renascimento do orgulho, uma embriaguez de futuras alegrias. Mas, em boa verdade, sabia que o caminho não era fácil. Em primeiro lugar

<sup>7</sup> Na altura foi indicado para a regência pelo Sr. Madureira e pelo Major Gonçalves.

era preciso apostar na formação e na fidelidade às raízes populares, em segundo lugar era preciso transformar a banda numa colmeia de corações. O maestro sabia que a sua competência musical não era suficiente, era também necessário que o carinho de todos os músicos assegurasse maior empenho, que acabaria por dar melhores resultados num futuro não muito distante.

Pouco tempo depois, a banda entra finalmente num dos períodos mais belos da sua existência, o que não foi fácil, uma vez que os muitos interregnos a que esteve sujeita quebravam uma continuidade, que era indispensável ao seu crescimento, bem como à sua qualidade musical. O tempo da alegria e das grandes actuações voltava à terra de Antas. O tempo passou. 1995. Alcino Viana Neiva substituiu Alberto Meira de Barros na presidência da banda.

Maestro e dirigentes faziam tudo o que podiam para elevar o estatuto da banda. A amena tranquilidade da terra ganhava, então, mais vivacidade com o desejo de dar vida a uma banda maior e melhor. A banda acabou por crescer, em silêncio como as árvores. Todos sentiam o mesmo.

Como consequência deste querer, a banda, em pouco tempo, passou dos quarenta para os setenta e cinco músicos. Na sua maioria eram filhos da terra, o que mostrava orgulho e mudança para melhor. As actuações aumentaram na mesma proporção que o prestígio. O tempo do sucesso passado já não ofuscava o sucesso do presente. Pelo contrário. O presente era então vivido com serenidade e alegria. E assim chegou até nós.

Hoje, a direcção da banda é presidida pelo senhor António Viana da Cruz que tem um grande orgulho na sua Escola de Musica, onde são ministradas aulas individuais a 74 alunos, da qual nasceu uma orquestra com cerca de trinta alunos que já mostrou os seus dotes musicais, em várias apresentações.

E assim, desde o começo, passaram os anos todos. Uma certeza nova existe: a era dos tempos difíceis findou. Hoje a Banda está bem viva. Neste momento, graças ao apoio da Câmara Municipal

foram lançadas as primeiras pedras da nova sede. Esta casa será um instrumento imprescindível na formação e recreio de todos os que são próximos. O futuro nasce com aquilo que fazemos no presente. Esta é a história. O que a Banda há-de ser, não sabemos. Apenas sabemos que António Viana da Cruz, Valdemar Nascimento Sequeira e outros ilustres homens de Antas proverão.







BANDA DE MÚSICA DE S. MARTINHO DA GANDRA



■ A banda na altura em que a regência estava entregue a Diogo de Oliveira, o terceiro a contar da esquerda, na primeira fila.

**A**no de 1836. Por empenho de Almeida Garrett são criados o Conservatório Geral de Arte Dramática e a Inspecção-Geral dos Teatros e Espectáculos. Nesse mesmo ano, a vontade e o desejo do Padre Manuel Antunes de Oliveira levaram à criação da Banda de S. Martinho da Gandra. Se o conservatório tinha como objectivo criar o gosto pela dramaturgia portuguesa, a banda tinha como intenção a pedagogia musical e fazer a festa, desde acompanhar serenamente os ritos religiosos à execução exaltante das peçadas nos coretos. Na altura da fundação, Manuel Antunes era seminarista, tinha apenas catorze anos mas o seu apego à música já era suficiente para iniciar

a construção do seu sonho. Algumas pessoas de mais idade contam-nos que os antigos falavam que o seu pai, Francisco Antunes, tivera uma pequena banda, com pouca relevância na comunidade, mas que foi essencial na sua formação. Mais tarde, esta primeira formação foi complementada no seminário. Esta hipótese, baseada nos testemunhos orais, faz muito sentido porque um rapaz tão novo, mesmo que marcado pela genialidade musical, teria muitas dificuldades em dirigir um projecto desta envergadura. Não está em causa o seu génio artístico, porque esse é inquestionável, mas sim as capacidades de liderança e de gestão dos vários interesses e vontades que existiam, e

<sup>1</sup> No seu túmulo, situado ao lado da igreja podemos ler: Aqui jaz P.e Monoel Antunes Oliveira/Nasceu em 14 de Fevereiro de 1822/ Faleceu a 19 de Março de 1895

<sup>2</sup> Este documento parece ser uma pequena história da banda até ao tempo de então. Uma espécie de balanço final e de premonição dos tempos difíceis que a banda teria que enfrentar. Em anexo encontramos um relatório de contas referente ao ano de 1955. Os encargos financeiros com os salários dos músicos, comestíveis, transportes e despesas gerais ascendiam aos 47.887\$80. O relatório tem a data de 31 de Dezembro de 1955 e está assinado pelo regente Diogo José de Oliveira.

<sup>3</sup> Documento que é parte integrante do arquivo da banda.

<sup>4</sup> Este panfleto informativo está arquivado no arquivo da banda.

<sup>5</sup> Refere o documento que «a Banda de S. Martinho da Gandra encontra-se provisionada para fazer serviços em festividades religiosas, tanto na diocese de Braga como na do Porto, e os seus elementos que a constituem competentes e senhores dos papéis que desempenham. Esperamos pois que V.Exas. continuem a honrar com os seus estimados convites para as festividades quere religiosas quere civis, sempre em harmonia com as competentes autoridades, a nossa «Banda Gandarense» com sede em S. Martinho da Gandra, telefone 7612, na certeza de ser bem servidos». Este documento encontra-se guardado no arquivo da banda.

ainda hoje existem, no seio de qualquer banda. Neste contexto assemelha-se-nos adiantar que sem essa experiência primeira, junto do seu pai, dificilmente conseguiria lançar as bases para a criação da banda.

O nome da terra espalhou-se, assim, pelas várias localidades de Portugal, graças ao amor à música de alguns e à dedicação e carinho de outros. Mas o Manuel de Oliveira foi, naturalmente, o grande impulsionador de várias décadas de glória da banda. Morreu onde nasceu, no lugar de S. Sebastião, a poucos dias do começo da Primavera de 1895. Foi o adeus a um grande músico mas também a um grande homem que acudia sempre os gandarenses mais necessitados, nas situações de maior miséria. O seu nome permanecerá para sempre na memória das gentes da Gandra <sup>1</sup>.

Sucedeu-lhe, como regente, Francisco António de Oliveira, da Carrapata. Mais tarde substituído pelo Manuel José de Paiva que vem dar grande impulso e uma maior organização à banda. Não conseguimos vislumbrar algumas datas que nos permitissem estabelecer uma cronologia objectiva, susceptível de balizar estes períodos de regência. Apenas sabemos, que após Manuel Paiva ter deixado

a regência, Diogo José de Oliveira assume o comando da banda até em inícios de 1956, altura em que deixa a banda conjuntamente como seu filho Diogo Peixoto de Oliveira. Homem da terra que por muitos anos, conduziu a banda ao seu período áureo, conquistando mesmo muitas medalhas. Num documento que não conseguimos determinar a sua finalidade, da autoria do regente Diogo, conseguimos ler que deixa banda por *“recomendação médica”* <sup>2</sup>. O mestre salienta que tal lacuna teria de ser preenchida porque se *“não aparecer uma comissão para tomar conta até 8 de Janeiro corrente, a musica passará ao rol dos esquecidos”* <sup>3</sup>.

As razões de tal saída ainda hoje permanecem na penumbra. Um panfleto volante feito, pela nova comissão, para informar que a banda tinha um novo regente, aponta que as causas de tal decisão prendiam-se com *“conveniências particulares e motivos que hoje não vem para as colunas dos jornais”* <sup>4</sup>. O referido impresso tinha também a função de informar que todos os compromissos assumidos no passado seriam cumpridos porque a banda já tinha uma nova comissão e um novo regente <sup>5</sup>. Esta saída constituía um rude golpe no vigor da instituição. Era, portanto, necessário

informar que a situação estava sob controlo. Graças ao empenho da nova comissão constituída, por Padre António Carvalho da Cruz, José da Cerqueira da Costa, José Pereira Carvalhosa e Aleixo Vieira, a banda conseguiu resistir. O novo regente era o Sr. António Joaquim Alves de Amorim que, nos últimos tempos, tinha dirigido as bandas de Távora e Amares e que em 1961 ingressaria na Banda Arcuense como regente. O regente Alves Amorim não era um estranho nas terras de S.Martinho uma vez que já feito parte da banda nos anos de 1953 e 1954 como executante. Permanece apenas como regente nos anos de 1956 e 1957.

Seguiram-se outros ilustres maestros que elevaram bem alto o nome da banda. Aqui merece destaque Miguel de Oliveira: um conhecedor profundo dos segredos da música que foi inextinguível no amor à banda e à sua terra. No entanto Miguel, por motivos de ordem afectiva, vê-se obrigado a partir para Monção, onde casou e passou a reger a banda da terra. Fica a substituí-lo o seu irmão Diogo Antunes de Oliveira que recebe o apoio do padre António da Cruz Carvalho. Com a morte inesperada do regente Diogo, o último regente natural de S.Martinho da Gandra, a banda fica sob a regência de José Vaz,

natural da freguesia de Sá.

Nos anos setenta a banda enfrenta uma grave crise, que era também o reflexo das profundas dificuldades que o país atravessava. A guerra colonial, o fluxo migratório e a célebre crise internacional de 1973 formavam uma conjuntura sombria que atingia o país. No primeiro trimestre de 1974 começou uma fuga maciça de capitais para os bancos estrangeiros. Desenhava-se uma ameaça de colapso económico. O país mergulhava num dos períodos mais críticos da sua história que tinha uma perfeita semelhança com os tempos sombrios que a banda atravessava.

Numa carta datada de 23 de Novembro de 1978, José Domingos Vaz escreve ao Sr. José Pita, homem de grande paixão pela banda, a informá-lo que o mestre Diogo, que estava internado no Hospital da Misericórdia de Viana, mostrava, então, sinais evidentes de melhoras. *“Está quasi restabelecido da doença que o tem torturado, Deus permita que seja”*, concluía o mesmo. Escreveu também ao seu amigo que falaram muita da situação da banda e que não seria preciso *“dizer que a banda por vontade de alguém fica parada*. E acrescentava que o amigo Sr. Pita era pessoa indicada para

*levantar a banda e conseguir colegas para o auxiliarem. Tudo isto está nas suas mãos”*<sup>6</sup>. Onze meses depois José Vaz insistia junto do amigo que era necessário que, na próxima reunião, o pessoal apareça, *“pois precisa-se de combinar o destino da banda para o próximo ano. A altura de trabalhar será agora, é preciso não deixar arrefecer”*<sup>7</sup>. Nas suas palavras sentia-se o desejo de fazer renascer a banda. Informava o seu amigo que o Sr. Felizardo já tinha escrito *“para o Inatel a fazer o pedido de instrumentos que a banda muito precisa: barítono em dó, saxofone em si bemol, trombone em dó, clavicórnio trompa em mi bemol e se pode-se-sêr saxofone barítono em mi bemol, todos estes instrumentos em brilhante”*. Ninguém assistia resignado a este período de esmorecimento da Banda que para a gente da terra era o seu eterno domingo.

A banda enfrentava o tempo da adversidade mas também o tempo da resistência. Sentia-se que todos os gandarenses lutavam pela manutenção da banda. Uma das soluções encontradas para assegurar a viabilidade da instituição seria a sua integração na Casa do Povo. José Pita, presidente da direcção, em 29 de Dezembro de 1980,

através de um ofício, reconhece que as bandas civis atravessam *“uma crise que dificilmente poderão sobreviver, sem ajuda de quem de direito para essa sobrevivência”*. Continuava: *“não foge à regra, a nossa banda musical, que só com paciência e carolice se vai aguentando. Porém, e como facilmente se compreende, poderá acontecer que de um momento para outro, a que essa paciência e carolice se esgote nas pessoas, e daí resulte a que a nossa querida banda teria forçosamente de acabar”*. Após estas primeiras palavras de introdução é peremptório reconhecer que a *“banda só será salva, com a integração da administração e competência directiva, na Casa do Povo de S. Martinho da Gandra, passando assim directamente com a sua responsabilidade de prestação de contas a uma entidade na Freguesia, em que actualmente não tem embora merecedora de crédito”*<sup>8</sup>. As despesas mensais de 6.000\$00 eram incomportáveis sem a ajuda de entidades oficiais<sup>9</sup>. Neste contexto, a integração da banda na Casa do Povo era a última esperança para evitar a sua extinção. Mas foi preciso esperar dois anos pela integração. A integração determinava também a uma nova denominação para a banda, que

<sup>6</sup> Carta que faz parte do arquivo da Banda.

<sup>7</sup> Carta datada de 2 de Outubro de 1979. É parte integrante do arquivo da Banda.

<sup>8</sup> Ofício de 29 de Dezembro de 1980. Nesse mesmo ofício, José Pita aproveita também a oportunidade para solicitar à Casa do Povo ajuda e compartição para comprar novo instrumental e fardamento.

<sup>9</sup> Idem



■ Ponte de Lima. Setembro de 1956. O regente António Joaquim Alves Amorim está à direita, na primeira fila.

passa a chamar-se Banda de Música da Casa do Povo de S. Martinho da Gandra. Tudo aconteceu numa sessão extraordinária realizada na sede da Casa do Povo, aos 4 dias do mês de Abril, do ano de 1982. Eram nove horas quando se iniciaram os trabalhos. A representar a banda estiveram presentes Amandio Gaspar Lisboa de Sousa Meneses, José Gonçalves Barreiro, José da Costa Gonçalves Pita, José da Costa Martins, João Miguel Araújo Cunha, Manuel Lourenço de Azevedo, Basílio Perestrelo de Meneses, José Cerqueira da Costa, Manuel Rodrigues Franco, José Alves de Franco Barros e Manuel José de Sousa. Todos desejavam a integração e, por tal facto, aceitaram transferir todos *“os direitos e obrigações para a responsabilidade da Casa do Povo incluindo o débito e os créditos a satisfazer, compromissos contratuais assumidos resultantes de actuações a executar na próxima época festiva, e todo espólio existente e inventariado, nomeadamente o fardamento, o instrumental, o material de cozinha, os móveis e utensílios e o arquivo musical”*<sup>10</sup>. Mas para concretizar esta intenção, os homens da banda apresentaram uma condição à Casa do Povo que impedia *“esta de penhorar, alienar, hipotecar*

*os vender qualquer dos instrumentos musicais transferidos”*<sup>11</sup>, como propuseram a criação de uma escola de música. O tempo dos músicos feitos já tinha ido. Já todos sabiam que o futuro das bandas apenas estaria assegurado pela formação musical dos jovens da terra. Antes de concretizar a integração foi sugerido pelos representantes da banda que, na eventualidade da extinção da Casa do Povo, todo o património *“seja atribuído a uma associação a constituir, garantindo assim a sua continuidade”*<sup>12</sup>. Na mesma sessão, os homens da Casa do Povo aceitaram as condições propostas pelos homens da banda.

Na altura da integração, o regente Luís Gonzaga, natural da cidade do Porto, substituiu José Vaz que, passado pouco tempo, regressa à regência da banda, onde permaneceu até ao ano de 1986, altura em que Manuel Ferreira dos Santos, natural de Gondomar, assumiu a direcção musical apenas por um ano. A solução da integração tinha sido, de facto, uma boa decisão mas esta, só por si, não significava a resolução de todos os problemas. Em 1986, a banda comemorava os seus 150 anos. Houve missa solene em memória dos primeiros fundadores e de todos aqueles

<sup>10</sup> Acta nº 48/82 da sessão Extraordinária da Casa do Povo de S. Martinho da Gandra, de 4 de Abril de 1982.

<sup>11</sup> Idem

<sup>12</sup> Idem

que sempre amaram a instituição. Uma laje de mármore, afixada no coreto da terra, perpétua os seus nomes para o tempo que há-de vir <sup>13</sup>. Mas estas homenagens pareciam recorrer ao passado glorioso da banda para insuflarem ânimo e vontade de vencer naqueles que enfrentavam, então, o período mais difícil da sua história. Em 1987 a banda entra em hibernação. A última festa em que esteve presente foi em honra de S. Martinho, na sua freguesia. O regente era Luís Veloso da Mota. Os tempos eram cinzentos, a música tinha partido e todos ansiavam que o Verão regressasse a S. Martinho. A Ribeira cheirava tanto a tristeza. Os instrumentos tinham adormecido. Alguns sentiam falta da banda porque o tempo da banda era o tempo da alegria, do companheirismo e do amor à música. O som dos ensaios deixou a aldeia. Até as noites eram tristes; tornaram-se mais longas. A música da sala dos ensaios, que se ouvia nas casas mais próximas, partiu. O silêncio afogava-se no escuro que caía sobre a freguesia. Só o escuro existia. Tudo era silêncio, se não fosse o latir dos cães que se pressentia nos lugares mais altos. Um longo soluço percorria os caminhos da aldeia. A terra estava sossegada mas o coração dos músicos

vivia sobressaltado.

No início da década de noventa, do século XX, começa, em S. Martinho, a Escola de Música sob os ensinamentos do Sr. Amorim de Távora. O regente, que já por diversas vezes tinha estado ligado à banda, estava, então, incumbido de criar um laboratório de talento musical que pudesse ser o fornecedor de talentos, com a finalidade de fazer renascer a instituição musical. No ano de 1994 surge o professor e mestre António de Pádua de Lima, natural da freguesia de Estorãos, que vem trazer um novo fôlego e uma nova dinâmica a esta escola. Os músicos e a terra estavam novamente acesos de alegria. Durante muito tempo toda a terra esteve à espreita de ouvir tocar outra vez a banda e, finalmente, podiam ver satisfeito o desejo.

Em 1996, a Junta de Freguesia pediu auxílio à paróquia para que esta albergasse a Escola de Música, que estava a desenvolver um excelente trabalho. O pároco João António Araújo de Freitas, amante da terra e da banda, aceitou o desafio. A partir de então a banda é integrada no Centro Social Paroquial de S. Martinho da Gandra. Contudo faltavam instrumentos e fardamentos, mas graças ao apoio da população local rapidamente reuniu-

<sup>13</sup> Anos de 1836 a 1986/Banda de Música de S. Martinho da Gandra/Comemoração dos 150 anos, promovida pela direcção da Casa do Povo em que foi integrada/Homenagem do povo ao fundador Padre Manuel Antunes de Oliveira/A Manuel J. Paiva, Francisco A. Oliveira, Diogo J. Oliveira e Maestro Miguel Oliveira/Público Agradecimento aos beneméritos António D. Guimarães, Capitão Manuel Gomes, António da Silva Barros, António A. Mimoso (Falecidos), e Padre António Cruz Carvalho e Domingos Matos (Ourives) / Lápide descerrada em 9-11-1986 pelo Governador Civil Dr. Vítor Loureiro. Estas são as palavras que foram gravadas no mármore.



■ A banda na actualidade, o P.e João António Freitas e António Lima, os grandes dinamizadores da instituição, ocupam o centro.

se um fundo financeiro que permitiu custear tais encargos. No dia 10 de Dezembro, de 1996, por ocasião das Festas de S. Martinho, a banda deu o seu primeiro concerto público. Depois de nove anos de inactividade, regressava aos concertos. Os dias de Domingo tinham regressado à terra porque a alegria voltava a ocupar o seu lugar.

Agora o Reverendíssimo João António Araújo de Freitas sabia que a banda tinha futuro. Com o seu empenho e dinamismo a instituição estava, a partir de então, em mãos seguras. Os músicos mostravam, como nunca, uma alegria que parecia vir do outro mundo. Agora tocavam com tanta vontade que até se via a alegria enérgica nos movimentos; tocavam

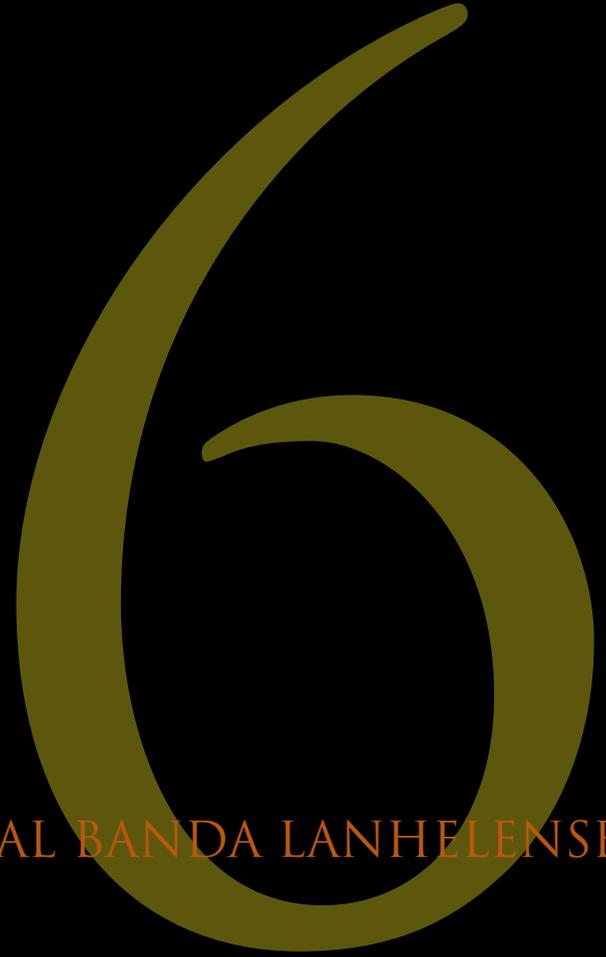
com tanta vontade que pareciam comer a vida, como se a vida acabasse em cada manhã seguinte. Nesta altura o mundo parecia cheio. A música atravessava novamente a freguesia, estava viva. Era só pedir. Os homens encontravam-se todos no grande amor pela banda e pela terra. Uma atmosfera solene de festa envolvia novamente os gandrarenses. O tempo foi assim.

A Banda de S. Martinho é hoje uma importante instituição musical do Vale do Lima, consequência inevitável do empenho de todos os executantes da Ribeira Lima; da dedicação e competência do seu maestro e professor António de Pádua Lima; das ajudas recebidas da Câmara Municipal, do Ministério da Cultura, do Governo Civil e dos habitantes da freguesia. O grande sucesso da banda está no seu elevado nível artístico e nas pessoas do Dr. João António Freitas e José Manuel Cerqueira Abreu que zelam ciosamente pelos interesses e pela continuidade da instituição.

Um dia Manuel Antunes de Oliveira teve um sonho que permanecerá para sempre, sempre que em S. Martinho da Gandra se ouvir o pulsar do metal brilhante, sempre, sempre que a Ribeira acordar.







SOCIEDADE MUSICAL BANDA LANHELENSE



■ A banda na década de vinte.

Quando caminhamos em direcção ao passado à procura dos primórdios de alguma instituição, o tempo estende uma sucessão de anos, como uma cadeia de montanhas, que nos separa das origens. E na ausência de documentos escritos, que fundamentem rigorosamente a fundação, ficamos apenas com as palavras e com pedaços de referências, que acabam por contextualizá-la. Algumas chegam até nós cheias de força, apesar de passarem pela boca de vários homens, outras, infelizmente perdem-se no labirinto do tempo. A memória, dita pela boca dos homens da terra, aponta 1850 como o ano de fundação da Música de Lanhelas. Era assim o seu nome inicial <sup>1</sup>. Chega ainda a ser mais minuciosa ao apontar o

dia 1 de Janeiro, como o primeiro dia da sua longa existência <sup>2</sup>.

O que sabemos dessa altura, é que nas terras vizinhas havia uma grande amor pela música, o que fomentava o germinar de muitos grupos musicais ou tunas que, além de estimularem o exercício musical, contribuíam também para uma dinâmica musical capaz de fornecer talentos a outros projectos de maior desejo. Vilar de Mouros e Gondarém conheciam, de facto, uma intensa actividade musical, mas aqui temos que destacar o engenho e o sonho dos músicos de Lanhelas. Conta-se, então, que os músicos, cansados da diáspora pelas terras vizinhas, resolveram unir

<sup>1</sup> António Vasconcelos, Escritos Alargados a Partir de Pesquisas Sobre a Banda de Lanhelas, pag. 4

<sup>2</sup> Esta é uma das dificuldades que encontramos em quase todas as bandas. A ausência de documentos escritos não deixa outra alternativa que não recorrer à tradição oral para provar a data de fundação da banda. E aqui salientamos que a tradição oral é importante para determinamos o tempo das origens, contudo, devemos ter em consideração que a informação daí retirada está dependente da subjectividade e até da fragilidade da memória como instrumento documental.

<sup>3</sup> A partir de 1820 a actividade musical no nosso país conhece um novo vigor. Neste período Domingos Bontempo é o grande impulsionador da música instrumental clássica que inspira e estimula o nascimento de várias bandas filarmónicas e tunas que episodicamente, conforme os casos, tocam para os liberais ou para os absolutistas. Este movimento musical de raiz popular atingirá o seu auge em finais do século XIX, princípios do século XX. António de Vasconcelos, nos seus *Escritos Alargados*, adianta-nos que já em 1792 Monção teria a sua banda. Talvez por ser uma praça militar, escreve. Porém não apresenta prova documental para o afirmado. O que sabemos é que este período está pouco estudado. Contudo, são vários os exemplos da vitalidade musical deste tempo. Longe do Conservatório Nacional e fora dos teatros, são as bandas musicais, que nos diversos coretos do país, difundem o gosto pela música no seio das aldeias mais recônditas. Com repertório constituído por marchas, pasos dobles, fantasias, rapsódias de temas populares ou tradicionais e arranjos vários de música de origem dramática como as zarzuelas, o povo podia esquecer as tristezas da vida e alegrar o seu coração. Alguns maestros mais atrevidos faziam questão de mostrar ao povo algumas obras do repertório sinfónico. A exaltação poderia ser mais contida, mas a oportunidade de ouvir composições intemporais não se perdia. Alguns gostavam. E isso é que era importante.

<sup>4</sup> Em 1996, quando Assembleia de Sócios reuniu para a legalização

intenções para criar um projecto de maior sopro. Nascia, assim, a Música de Lanhelas que, mais tarde através de um crescimento procurado, assumiria o nome de Banda Musical Lanhelense. Os ecos dos mais antigos deixaram na tradição oral da terra que o seu primeiro maestro teria sido António José Guerreiro, músico violinista, natural de Lanhelas, que chegou a ser Regedor. Outros, todavia, adiantam o nome de Francisco António Costa para primeiro regente. As dúvidas persistem, contudo é inequívoco que a banda nasce do fervilhar musical que existia em Lanhelas e nas freguesias vizinhas <sup>3</sup>. A data da fundação é, como referimos, o ano de 1850. Mas esta informação não é comprovada por prova material. Chegou até nós pela memória, que sobreviveu ao caminhar do tempo. Podemos dizer que é a data aceite por todos para a fundação da instituição <sup>4</sup>. Nesta altura, a banda era a paixão da comunidade local. Para as gentes da terra, a música simbolizava o espírito da comunidade e representava também o orgulho de pertencer. A amizade entre os músicos da banda era tamanha que alguns chamavam-lhe a “ Música dos Bons Amigos”. Até 1890 pouco sabemos do percurso da banda. Não sabemos onde actuou,

que sucesso arrecadou, quem nela tocou ou que caminho que trilhou. Sabemos apenas, novamente pela boca dos mais antigos, que o primeiro local onde a banda ensaiava era num dos salões da Casa das Senhoras Dantas. E foi aqui que se tocou até à altura das manifestações ruidosas contra do Ultimato Inglês.

1890. Neste ano conturbado da nossa história, José Maria Gomes da Rocha, músico e dirigente distinto da banda, conhecido na terra por Tio Dezoito, contratou para mestre um músico profissional de nome Silva. A este sargento, natural de Barcelos, coube a reestruturação dos naipes, com objectivo de dotar a banda de um repertório mais ambicioso. O que não era tarefa fácil, num contexto de grandes dificuldades. Até o espaço para ensaiar era pequeno. Mas nada fazia parar estes melómanos. O José da Rocha, ou melhor o Tio Dezoito, estava sempre pronto para acudir aos problemas, porque grande parte da sua vida só ganhava sentido com o trabalho para a banda <sup>5</sup>. Se era necessário arranjar um novo espaço, isso não era problema, arranjava-se, pura e simplesmente. Parecia que todos os homens ligados à banda tinham sido baptizados com a música porque a

fé era a escada para ultrapassarem o muro das dificuldades. Nessa época, era ousado ser músico. Todo o tempo era pouco para prover o sustento, quanto mais para andar com a banda. Era assim que pensavam alguns. Compreende-se, assim, o facto da banda mudar o local dos ensaios para a casa de Ilídio Manuel Couto. Homem importante da terra, comerciante e líder do Partido Republicano. Amava tanto a música que chegara a ceder a sua casa para os ensaios da banda. Eram os ensaios e as saídas que davam alento para prosseguir. Nada a fazia parar, nem mesmo a saída do Sargento Silva que, no ano de 1896, gerou grandes problemas. Sempre pronto, o Tio Dezoito, além de dirigente e virtuoso clarinetista, assumia a regência da banda até ao ano de 1899. Nesta época, António Costa e Silva, um dos famosos músicos do distrito, ofereceu os seus serviços para reger a banda e formar novos elementos. A instituição entrava numa nova fase da sua vida. Até ao ano de 1900, é isto que sabemos.

A partir de então, uma imensa planície permanece à nossa frente. Mas a vida dos homens que estiveram ligados à banda fornece-nos a orientação para o nosso caminhar. Estávamos em 1904 e, entretanto, um novo maestro tinha ocupado

a regência da banda. Somente sabemos que o seu nome era Gil Velho, os músicos chamavam-lhe Mestre. Sabemos também que nesta altura, entrou para a banda António Costa e Silva: um músico profissional da Banda Infantaria 3, de Viana do Castelo. Foi contratado para ensinar teoria musical e prática instrumental. A partir de 1906, passa a residir com a sua família em Lanhelas. Ocupava todo o seu tempo na escola de música. Durante este período realizou progressos notáveis ao serviço da banda, que então mostrava não ter receio de executar obras de maior exigência. Morre, como muitos no seu tempo, de doença pulmonar. Era o ano de 1913, o mês era Julho. Sabemos, hoje, que passado um ano a Europa mergulhava no inferno da guerra. Conta-se que um filho seu de nome Francisco, com apenas 15 anos, o substituirá por alguns períodos na regência da banda. Os mais velhos lembram-se de um momento de glória do rapaz, na cidade de Barcelos. Todos os presentes estavam espantados com o desembaraço que o jovem talento mostrava na condução dos seus pares.

De regresso à margem do Rio Minho. O desejo de fazer uma banda que prestigiasse a terra obrigava os seus dirigentes a fazer tudo para que

da Sociedade Musical Banda Lanhelense todos os presentes oficializaram o ano de 1850 como o ano de fundação da instituição musical.

<sup>5</sup> José Maria Gomes da Rocha nasceu no ano de 1853 na freguesia de Lanhelas. Elemento de destaque na direcção assumiu a regência da Banda entre 1897 a 1899. Em 11 de Outubro de 1883 foi eleito Presidente da Junta de Freguesia, cargo que manteve por vários anos.

isso acontecesse. Mesmo que exigisse um esforço que à partida parecia impossível. Estavam, pois, lançados os fundamentos da Música de Lanhelas que, em 1905, contava com 24 elementos que davam tudo de si para que a Banda fosse cada vez melhor e o esforço reconhecido. Foi assim até 1913, até à morte do maestro António Costa e Silva. Mas nada fazia parar a Música. Após a tristeza da partida de um dos seus, entrava para a regência João José Silva, também ele músico da Banda Infantaria 3, de Viana. Sabe-se que o António fez o convite ao seu colega para que este continuasse com o seu trabalho. Era necessário que a pedagogia musical não acabasse. Mas passado pouco tempo, João Silva teve de deixar a banda. Coube, então, ao Joaquim Carvalhosa e ao Alfredo a substituição do amigo, na regência, durante o tempo que este esteve na tropa.

Em 1914 o mundo mergulhava na guerra. À medida que as declarações hostis se sucediam, as bandas saíam para a ruas para estimular o patriotismo e para entusiasmar a partida daqueles que mais tarde iriam cair no inferno das trincheiras. Mas isso era lá longe. Os canhões ouviam-se somente através dos jornais lidos,

em voz alta, pelos barbeiros, merceiros ou farmacêuticos. Enquanto as coisas aconteciam lá longe, em Lanhelas os dirigentes e músicos da banda só pensavam em ser melhores e que novos elementos entrassem. Se a banda fosse maior, era possível tocar peças mais eloquentes, além disso quanto mais metal se juntasse também maior seria o brilho. Aparentemente poderiam ser essas as preocupações. Mas a guerra estava mais próxima do que se poderia pensar. Em 1916 Portugal entra, finalmente, no conflito. Se não era esse o sentimento do povo, era isso o que os Democráticos desejavam e que acabaram por conseguir <sup>6</sup>. O tempo passou, o optimismo inicial desfez-se. Os soldados não regressaram no Natal, como acreditavam alguns. Nessa altura já todo o mundo sabia que agora a guerra era uma guerra tecnológica e industrial. Toda a gente sabia da origem da tragédia: o gás, a lama, a neve, o frio, os piolhos, os estilhaços, a dor e a morte dos amigos no arame farpado. E foi neste contexto ominoso que João da Silva teve de deixar a terra a caminho das trincheiras. Lutou ao lado de muitos que acabaram por perder a vida sem perceber porque estavam lá. Mas o João regressou à terra. Porventura, era um homem diferente, e

<sup>6</sup> Portugal sabia que somente a sua participação na guerra asseguraria um lugar na Conferência de Paz, ao lado dos vencedores. Deste modo afastava a ameaça da cobiça das nossas colónias por parte da Alemanha, como contornava o perigo da Inglaterra se apoderar das nossas possessões ultramarinas. Com a presença garantida em Paris, a Inglaterra jamais se atreveria a prejudicar um aliado seu. Apesar da relutância da Inglaterra face à entrada de Portugal no conflito, os principais dirigentes republicanos sabiam que essa era a única saída, apesar dos sacrifícios que tal decisão viesse a custar à nação.

não podia ser de outra maneira. Contudo a banda poderia fazer esquecer os dramas e os pesadelos das trincheiras. Logo após o armistício, retoma a regência da sua instituição querida, e por muito tempo, até ao ano de 1948, quando uma segunda guerra já tinha passado. Participou em muitas festas, conquistou muitos aplausos, percorreu muitas cidades e tocou em muitos sítios.

De volta à análise do crescimento quantitativo da banda sabemos que até 1925, os 24 músicos contabilizados, em 1905, não conheceram novos amigos, o que era compreensível nesses tempos tão instáveis da República. Mas ninguém saiu, e isso já mostrava desejo de continuar com o sonho <sup>7</sup>. Em 1929, se a crise atacava o mundo, a banda parecia não sentir a conjuntura negra. Neste período o número de músicos sobe para os 29 <sup>8</sup>. E assim continuou até 1936, ano em que dois amigos resolveram aumentar ao corpo musical. Agora a Música de Lanhas contava com 31 músicos. Nos tempos posteriores temos notícia que a banda se deslocou ao Porto para dar um concerto nos jardins do Palácio de Cristal. Tal aconteceu no ano de 1939. No ano seguinte a banda actua na cidade da Régua. O despique com a Banda de Pinheiro

da Bemposta ficará para sempre na memória dos lanhelenses como uma das melhores actuações.

Logo após a segunda Guerra Mundial, mais certo em 1946, a Banda contava com 24 elementos. Esta contagem tinha em conta a morte trágica, por afogamento no Rio Minho, de três músicos e a saída de alguns idosos. Porém o recrutamento de alguns músicos, nas zonas vizinhas, fez subir o número para 30. Em 1948 sobe para 32. Em 1953 já contabilizava 36 músicos e passados quatro anos o número aumenta para os 37 e acabará por se manter até meados de década de setenta <sup>9</sup>. Em 1985 atinge os 43 elementos. Este sinal de pujança, paradoxalmente, acabou por coincidir com um período de declínio da banda.

Prosseguindo com a cronologia da regência, Manuel Caetano, de Viana do Castelo, entrou para maestro no ano de 1949, embora por pouco tempo. Não conseguimos saber quais as razões da sua efémera permanência. Sabemos que nesse mesmo ano, a convite de João Costa e Silva, José Rafael Alves entra para regente. Este tenente da G.N.R. e do Exército foi um músico profissional determinante na vida da instituição; sabia como ninguém incutir o entusiasmo nos mais jovens e

<sup>7</sup> Não devemos esquecer que muitas vezes e desejo de ingressar na banda não era suficiente. Além do gosto pela música era também necessário ter algumas posses porque até 1920 os instrumentos eram comprados pelos próprios, o que nem sempre era possível por parte dos mais pobres.

<sup>8</sup> Neste tempo ido a banda era composta pelos seguintes músicos: Florentino dos Anjos Covêlo, João Costa e Silva, José António Rocha, Domingos Covêlo, João José Lages, José Maria Gomes Rocha e Jorge Covêlo, na Requinta e Clarinetes. Os Saxofones Altos estavam entregues a Alberto Dantas Gomes e Domingos Baltazar do Monte. Francisco de Cornes e Domingos Pinto Caçais eram os Saxofones Tenores. Como Saxofone Barítono aparecia Domingos José de Vasconcelos. Nos Feliscornes Trompetes e Cornetins tínhamos Aurélio Ramalhosa, João Luís Gomes, Jerónimo Maria Lages e Augusto Bancelos. As Trompas eram tocadas pelo José Abílio Lages e pelo José Joaquim Rocha. Os Trombones estavam a cargo de Boaventura Ramalhosa, Casimiro Ramalhosa e Ilídio Jesus Oliveira. António Luís Lages e Acácio Pires Treno eram os Bombardinos de Banda. As Tubas e Baixos estavam nas mãos de Manuel Costa e Silva, António Maria Cruz e José Lages. Por último, os percussionistas eram António de Jesus Ramalhosa, Francisco José Rocha e Manuel Fernandes. Na altura o transporte dos instrumentos estava a cargo de Maria Vieira. Nos primeiros tempos os transportes mais usuais eram a bicicleta, para quem a tinha, e os próprios pés. Mais

tarde generalizaram-se os veículos motorizados e o comboio. Mas como as linhas não desaguavam em todas as terras, eram as costas dos músicos que carregavam os seus instrumentos. Algumas vezes eram as mulheres, exímias no transporte à cabeça, que ajudavam na deslocação das caixas de pautas e da percussão. Quantas vezes, encosta acima, viam-se os carros de vacas carregados e lentos, com os músicos agarrados aos fumeiros e com os olhos postos nos instrumentos. No final repetia-se a mesma canseira. Regressavam todos como partiam, de noite, quando o silêncio mergulhava na aldeia. O único barulho que se ouvia era o do bater das portas.

<sup>9</sup> No ano de 1953, a instituição passa por um período difícil. A nível directivo surgiram alguns problemas que levaram à saída de vários músicos.

era o primeiro a manifestar optimismo nos tempos mais difíceis <sup>10</sup>. Durante a sua regência destacam-se alguns concertos, que os mais velhos guardam de viva memória. O primeiro aconteceu no ano de 1954, em Seixas, onde a Lanhelense fez uma actuação tão deslumbrante que quase ofuscou a Banda da Polícia de Coimbra, que na altura era muito conceituada. No ano seguinte faz uma série de concertos por toda a Galiza. Há, todavia, um que merece um destaque especial, pela reacção que provocou naqueles que estavam a ouvir. Conta-se que, no ano de 1955, a Banda deslocou-se ao outro lado do rio para tocar em La Guardia. O dia estava bonito e a actuação estava a correr muito bem. Os aplausos foram muitos até ao momento que tocaram a Abertura 1812 de Tchaikovsky. No final da peça, um denso silêncio abateu-se sobre todos os músicos. Vinha da mesma gente que, há pouco tempo atrás, tinha aplaudido. Os músicos da banda até poderiam pensar que, entretanto, estavam noutra terra ou tinham trocado as pessoas. Mas não, todos e tudo estavam no mesmo lugar, somente o tempo tinha avançado, mas pouco, diga-se. O que tinha acontecido é que a obra do compositor russo aparecia, no contexto, como

uma provocação anti-franquista que os fiéis do caudilho não podiam aplaudir. Não era a música que estava em causa mas a ideologia. Em 1959, na Festa da Sr.<sup>a</sup> da Saúde e Santa Rita de Cássia, a Banda da Trofa, que se fazia acompanhar de autocarros cheios de pessoas, participa com a banda visitada numa jornada musical inolvidável.

Na década de sessenta, o país vivia mergulhado numa angústia que parecia não ter fim à vista. A miséria encurralada entre as principais cidades e as aldeias mais remotas sangrava o país das camadas mais laboriosas. Os jovens fugiam também da Guerra Colonial, através da emigração clandestina, engrossando, assim, as saídas para o estrangeiro. Esta situação acabava por ter reflexos negativos na economia e na demografia do país. Simultaneamente, o elevado esforço financeiro a que a guerra obrigava era um entrave ao fomento económico e industrial. O tempo era difícil e obrigava à poupança que acabou por ter efeitos até nos orçamentos das comissões de festas. Os mesários viam as suas receitas diminuírem. O povo não podia fazer grandes ofertas, as festas diminuíram e algumas até perderam o seu brilho e solenidade. Como os contratos eram cada vez

<sup>10</sup> Nasceu na Vila de Valença do Minho em 1892 e foi durante anos regente da Banda de Fontoura.



■ A música clássica faz também parte do repertório da banda.

menos, a Banda de Lanheles conseguiu sobreviver graças ao empenho dos músicos e ao espírito de sacrifício das direcções que faziam o impossível para manter o indesejável bem distante.

Com abnegação ímpar, José Rafael Alves esteve sempre com grande sentido de profissionalismo ao serviço da banda, até ao ano 1971. Foi com grande orgulho que um ano antes tinha defrontado a Banda de Caldas das Taipas, que tinha acabado ser premiada com o primeiro lugar no Encontro de Bandas Nacionais, organizado pela FNAT. Tudo aconteceu em Vila Praia de Âncora, o despique entre as duas bandas foi intenso e renhido, apesar das diferenças. Os ancorense sentiram um grande orgulho na Banda de Lanheles que encantou todos

que estavam a ouvi-la. O maestro era o primeiro a sentir que o seu trabalho estava a dar frutos e, portanto, a hora de deixar a banda estava próxima. Quase um quarto de século a ensaiar, a reunir, a resolver, a reger, a sorrir e por fim partiu. Mas ficou a memória; está na galeria daqueles *que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando*. Porém banda tinha que continuar com a sua marcha. E foi Gualdino Teófilo Pinheiro que agarrou na batuta até 1973, altura em que é substituído por um dos homens que mais deu à banda: João da Costa e Silva<sup>11</sup>. No ano de 1906 João veio para Lanheles com o seu pai António e ficou para sempre com a terra e a banda no coração. Foi um amante do clarinete e do estudo de outros instrumentos; ensaiador,

<sup>11</sup> Em 1994 a Escola de Música da Banda passa a chamar-se João da Costa e Silva. Condecorado pela Junta de freguesia, Câmara Municipal de Caminha e pelo Ministro da Cultura que lhe atribuiu a Medalha de Mérito. Uma figura ímpar ao serviço da Banda que ficará eternamente na história de Lanheles.

contra-mestre, regente, por curtos períodos e um dos dirigentes mais activos que a instituição teve. Foi sempre um homem incansável ao serviço da banda. Em 1936 aparecia à frente como um dos grandes impulsionadores para a construção da primeira sede, esteve mais ligado à direcção mas na altura que a banda ficava sem maestro era o mesmo que assumia as funções, até se encontrar o regente certo para a substituição. Partiu no mês de Novembro 1992, na sua última caminhada apenas se ouvia o silêncio, os passos lentos dos seus companheiros e o suspiro instrumental da Marcha Fúnebre. Partiu, como sempre desejou, ao som da música.

Após a sua partida, cabe a António Gonçalves, de Braga, a regência da banda até ao ano de 1974. No ano seguinte a regência veio a ser entregue a José Pedro Martins Coelho, natural de Viana do Castelo. A sua formação musical teve lugar na banda do Orfanato de Viana do Castelo, onde chegou a regente no ano de 1937. Na altura tinha apenas dezassete anos, porém, a sua maturidade musical permitia-lhe ocupar o cargo. Homem, de intensa actividade musical, entrou para a banda, no ano de 1971, como clarinetista. Passados quatro

anos chega à regência. Durante o tempo em que ocupou o cargo, compôs várias rapsódias inspiradas na música tradicional minhota. Por motivos, que não conseguimos vislumbrar, deixa a instituição em 1989. Aqui convém lembrar que a partir de 1985, a banda entra num período de declínio, conseguindo, contudo, aguentar-se. Importa igualmente referir que o maestro José Pedro tinha na altura 69 anos. Talvez esteja aqui a razão da sua saída. Se a vontade era a mesma dos primeiros tempos, o mesmo não se podia dizer do corpo. Uma partida significava, contudo, uma nova chegada.

Quem chegou na altura foi Armindo José Rosa Mota Gomes. Não, antes tinha chegado e ficado, apenas por um ano, Arménio Fernandes Correia, natural de Rubiães, concelho de Paredes de Coura, que somente regeu a banda entre alguns meses dos anos de 1989 e 1990. Desempenhou, sobretudo, um papel de transição. De imediato a regência passa a pertencer ao Sr. Armindo Gomes, que nasceu no ano de 1930 em Lobão da Beira, distrito de Viseu. Em 1950, faz a sua admissão na Banda de Música de G.N.R., em Lisboa, onde foi Clarinetista Solista. Volvido pouco tempo chegou ser professor de Análise e Técnicas de Composição.

O desejo de saber mais, explica o seu ingresso no Conservatório de Música de Lisboa. Com 25 anos entra na Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e, mais tarde, na Orquestra Nacional de São Carlos. Prosseguindo, com o seu impar currículo, obteve, ainda, o diploma de Direcção de Orquestra e Filarmónica e Professor de Composição, Clarinete e Interpretação Vocal. Assumiu a regência da banda no ano de 1990, por convite de António José Rosa Lages. Tinha já 60 anos, mas mostrava uma vitalidade e um conhecimento musical que foi muito importante na renovação musical da banda. Em 1994 decidiu formar a sua escola de ensino musical, porque sentia que era necessário formar uma nova geração de músicos segundo as pedagogias modernas. Manifestava um grande interesse pela música clássica. A banda tinha de tocar para além das marchas e das rapsódias. A execução de peças mais solenes podia acontecer na festa mais popular, porque acreditava que após os primeiros momentos da audição, o barulho festivo e mercantil das pessoas daria lugar ao silêncio. Durante uma década serviu com lealdade e sacrifício a instituição. Ainda hoje é lembrado como um Maestro que muito deu à instituição.

Foi na sua regência que a banda actuou na cidade francesa Pontault-Combault e participou no IX Festival de Músicos Xoves. O tempo era de crescimento musical e humano. A instituição musical contabilizava 50 efectivos.

No ano 2000 entra para a Banda César Nuñez Pérez, maestro galego, que trouxe novos métodos de ensaio e novas ideias que acabaram por se reflectir no seu repertório, embora por pouco tempo. No ano seguinte Feliciano Morales Monteagudo Pereira foi convidado para a regência mas também por pouco tempo. Apenas esteve dois anos à frente da instituição, tempo suficiente para que esta ganhasse uma nova força, baseada numa selecção de composições que primavam pela novidade. Simultaneamente apostou-se fortemente na formação. Em 2002, doze músicos completaram a sua formação. A banda procurava, através da formação, o seu rejuvenescimento. É também neste período que esta cria um Quarteto de Clarinetes, um Grupo de Metais e um Grupo de Cordas e integra, na sua escola de formação, uma Banda Juvenil. Foi um período de intensa formação que mais tarde veio a dar os seus frutos. Em 2002, no III Encontro Internacional de Bandas



■ Em 2003 Márcio Pereira, um jovem destemido da terra, assume a regência, com apenas 24 anos.

de Lanheles, acrescenta ao seu instrumental um conjunto de violoncelos que encantou todos os presentes. Ainda no mesmo, ano fez um concerto em Caminha, no qual participam os Quartetos de Violinos e Clarinetes, sob a regência do ilustre António Vitorino de Almeida. Este maestro galego, professor no Conservatório Superior de Música de

Vigo, acabou por dar uma certa modernidade à banda que já vinha do seu antecessor.

Em 2003, Márcio Daniel Fernandes Pereira, com apenas 24 anos, concorre à regência da banda e é eleito pela votação de seus pares. Entrou para a banda com 11 anos como clarinetista. A partir de então inicia uma longa aprendizagem que

passa pela Escola de Música de Viana do Castelo, Escola Superior de Artes e Espectáculo do Porto, Academia Nacional Superior de Orquestra, de Lisboa e Banda Nacional da Armada Portuguesa. Hoje a regência da banda está entregue a este jovem destemido e corajoso que procura reactualizar o reportório clássico de outros tempos. A seu lado está José Maria Cunha Ramalhosa, trompetista e Presidente da banda. Nos últimos anos a sua grande preocupação prendeu-se com a renovação instrumental e artística da instituição. Actualmente é um dos grandes dirigentes que vê o seu empenho e mérito reconhecidos por todos os lanhelenses.

Hoje, com um olhar para além do rio, a banda persegue o sonho de ser mais porque, como escreveu Torga, a fome do poeta é o pomar todo. A instituição continua o seu caminho sem fim. As coisas da música têm esta vontade: não morrem. O sonho e a memória não são do tempo, são do ontem, do hoje e do que há-de vir. Eternos.







BANDA DE MÚSICA DA CASA DO POVO  
DE MOREIRA DO LIMA



■ A banda nos anos quarenta. O Maestro Daniel Leones, na primeira fila, é o terceiro a contar da direita.

N

No meio de Moreira do Lima, no vale, entre o verde das folhas das vinhas, desenhou-se um tempo de música que chegou até nós. É a história deste tempo que desejamos contar. O tempo da Banda de Música. É a História desta instituição, a sua vida e o seu prodigioso destino que vamos escrever nas páginas seguintes. Caminharemos pela frescura dos caminhos estreitos e fundos, onde repousa o silêncio. Procuraremos saber em todo o lado. Nas casas humildes e dentro dos portões das quintas brasonadas, onde nascem os mistérios. Foi há tanto tempo, que temos medo que os anos confundam a ordem e o rigor da memória. A banda de Moreira

do Lima é muito antiga, tão antiga que perdemos o rasto que nos poderia levar ao tempo certo da fundação. A tradição oral tem fé, ou melhor, acredita no ano de 1824, como o ano da génese. Contudo, durante a nossa busca, não conseguimos encontrar qualquer documento que pudesse fundamentar o marco cronológico adiantado. Tudo permanece envolto no mistério. Relatam os mais antigos que as origens da banda perderam-se na escuridão do tempo. Apenas sabem, ou ouviram da boca daqueles que já partiram, que nos primórdios teria existido uma banda que diziam ser do Pintor. Porém, ninguém sabe ao certo quem era. As suas

raízes profundas parecem entranhadas no solo e, na freguesia, ninguém reclama pertencer à sua árvore genealógica. O mistério está, portanto, vivo. Não seria de estranhar que a banda do Pintor fosse, eventualmente, o primeiro embrião. Até à alvorada do século XX a informação rareia, o que não invalida que a banda animasse as festas profanas e religiosas dos moreirenses. Nos tempos velhos, Manuel Pereira Dantas foi maestro da banda, por pouco tempo, soubemos. Morreu em 1907 com 46 anos <sup>1</sup>. Manuel, como outros, enfrentou o drama da afirmação artística em luta constante contra a iminência da banda acabar. Os tempos eram de mingua, tudo faltava, menos a vontade que se escondia por detrás dos instrumentos. A vontade que vivia apenas um dia de cada vez, mas que esperava, na verdade, um amanhã melhor. Mas o Manuel teve o seu tempo, como todos os homens.

Com os seus filhos, um novo tempo desperta. Alberto e Luís foram, então, os regentes da banda. Mas não por muito tempo. O Brasil oferecia uma vida que estava para além dos limites acanhados de uma terra, que negava a abundância. Como tantos de outras aldeias do Minho partiram por volta de

1920, numa altura em que a Europa ainda sangrava das feridas da guerra. Todos procuravam uma vida melhor, fosse em que terra fosse <sup>2</sup>. A seguir surge mais um Dantas ao comando da banda. António estará à sua frente até à regência de Daniel Caetano da Cunha Pereira Leones. Nesta época Moreira mostrava ser uma terra de grandes músicos e com grande actividade musical. Depois dos campos, a banda absorvia quase inteiramente o vaivém dos homens. Durante todos estes anos foi uma espécie de encontro de almas simples da aldeia que gostavam tanto da banda como das sensações que esta provocava. Ninguém combinava nada e tudo corria de acordo com o mando do ritual. Naquele tempo, a freguesia não era mais do que um ponto pequeno, mas reinava uma alegria por toda a aldeia; soltava-se um ar de festa que vinha da música que se ligava à vida toda ou a todo o universo, pelo menos àquele que conheciam.

Assim foram os primeiros tempos da banda. Entramos na década de trinta e muita coisa tinha mudado. Os músicos já não se sentiam pobres náufragos da música. Moreira do Lima e a banda estavam no caminho bom. Não podia ser de outra maneira porque a ambição era a dos homens

<sup>1</sup> Quem nos contou tudo foi a senhora Maria do Carmo Dantas Lima. O maestro Manuel era seu avô. Uma mulher apaixonada pela música que deu à banda alguns dos seus filhos. A sua família esteve sempre ligada à história da instituição. A Maria do Carmo chegou a levar a pé à festa de S. João de Arga o farnel, quando os seus filhos eram músicos da Banda.

<sup>2</sup> Maria do Carmo não precisa a data com muita segurança, mas segundo a sua memória parece-lhe que foi por essa altura.

simples que estavam dispostos a fazer sacrifícios pelos seus sonhos e pela música. De resto, todos os anos pediam, apenas, colheitas abundantes e uma banda afinada e cheia de brio. Parecia que nada fazia tremer os dias. Tudo fazia crer que um longínquo destino bom os esperava, até que um sussurro de surpresa varreu toda a aldeia. Onde antes reinava a harmonia tinha surgido a semente da discórdia. A banda partiu-se em duas, pelas rivalidades internas que foram crescendo. Ou melhor, o conflito era entre dois dos homens mais iminentes da banda: Daniel Caetano Leones e Francisco, também conhecido por Maneta. Estas disputas pessoais acabaram por levar à separação e à inevitável suspensão da actividade musical. O maestro Daniel conseguiu convencer a maior parte dos músicos a seguir os seus intentos de formar uma banda nova. Ficou também com a maior parte dos instrumentos, o que poderia fazer cair o igual desejo do Maestro Francisco fazer a sua banda. Mas este não se resignou; chegou a pedir na freguesia para juntar dinheiro para instrumentos novos. E parece que conseguiu. Do outro lado, os homens do Daniel faziam nascer a ironia e chamavam à banda do Maneta, a banda do saco. Mas pedir

nunca foi vergonha, todos sabemos.

As duas bandas rivais alimentavam aceso despique entre os músicos e contribuía para a força musical da terra. As pessoas e as próprias autoridades estavam a ficar cansadas de tantas guerras. Na altura as gentes murmuravam com indignação pelo prolongar das hostilidades. Todos queriam as coisas resolvidas, o que não era fácil se atendermos que estas rivalidades eram também acirradas pelas disputas políticas que contribuía de sobremaneira para o azedume na freguesia. Para garantir a ordem, conceito muito caro ao poder político da altura, o Administrador do Concelho ordenou ao Delegado Policial que executasse a apreensão instrumental, uma vez que os instrumentos eram a causa mais próxima das disputas e desordens, que, frequentemente, buliam com a calma dos dias da aldeia <sup>3</sup>. O poder concelhio tinha perfeita noção que era necessário estancar a vaga de inquietação que crescia no seio das bandas e transbordava para a freguesia. Havia nestes desatinos uma inocência e tudo lhes era perdoado. No fundo, eram companheiros inseparáveis do destino, todavia, a ordem pública parecia não atender a essas circunstâncias pessoais.

<sup>3</sup> Livro de Actas da Casa do Povo de Moreira do Lima, 18 de Novembro de 1938.

Parece que a decisão do Administrador teve os efeitos desejados porque foi isso mesmo que aconteceu: as desavenças esfumaram-se. A ordem superior sentiu-se em todos os elementos. Alguns músicos foram assaltados pela tristeza. Num tempo de fome e trabalho duro, a banda era o porto de abrigo de muitas vidas, de muitos sonhos perdidos, de muitas ilusões. Havia homens que amavam mais o tempo dos ensaios e das festas do que o tempo dos dias da semana. O tempo dos dias iguais, onde a música não ocupava horas nem lugar. A ordem do Delegado não podia por em causa a continuidade da banda. A eventualidade da morte da banda lembrava-lhes o fim das festas de Verão, quando a luz findava e principiava a debandada; quando o silêncio varria o adro e todos os ecos do arraial se tinham apagado. Este espectro ominoso pairava de facto no coração de alguns. Ferida de raiz na sua alegria, a aldeia precisava de novo da banda. A alegria tinha desbotado, esmorecido. Somente, por ironia do destino, uma terra de tantos músicos ficaria sem banda. Mas não ficou. Daniel Leonês recolhia, então, apoios e procurava, com ajuda de outros amigos, fazer renascer a banda. Tempos fé

voltavam-se a erguer.

Daniel, um dos envolvidos na contenda, estava, de facto, melhor posicionado; tinha inclusivamente muitos amigos na Comissão Organizadora da Casa do Povo de Moreira do Lima que estava, neste tempo, a dar os primeiros passos na edificação institucional <sup>4</sup>. A Casa do Povo poderia ser a última oportunidade para salvar aquilo que ainda era possível. O regente Daniel tinha consciência que o enquadramento institucional, além de fornecer suporte financeiro, era também elemento disciplinador de comportamentos. Sabia, mais que ninguém, que comandar músicos amadores não era tarefa fácil. E na verdade sabia os passos que tinha a dar. Pouco tempo após a apreensão instrumental, a Comissão Organizadora da Casa do Povo fez um requerimento ao Delegado Policial, no qual solicitou *“a restituição e entrega do arquivo e instrumentos da extinta Banda de Moreira para a mesma instituição se organizar uma aula de musica”* <sup>5</sup>.

Passados dois meses e pouco dias, a Comissão Organizadora da Casa do Povo constatava que era necessário mandar fazer um novo fardamento.

<sup>4</sup> Daniel Leones tinha muita influência sobre os homens que, na altura, faziam parte da Comissão Organizadora da Casa do Povo. Foi sempre um homem ligado a esta última Comissão. No dia 21 de Julho de 1939 tomou posse como Presidente da instituição. Os cargos de secretário e tesoureiro foram atribuídos a José Manuel Pedro e José Joaquim da Cunha. (Livro de Actas da Casa do Povo de Moreira do Lima, 21 de Julho de 1939)

<sup>5</sup> Neste requerimento, os homens da Comissão Organizadora informaram o Delegado Policial que o desejo deles é do conhecimento do Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, de Viana do Castelo. Assinam o documento Manuel Vieira Leones, António da Fonte Morães e José Joaquim da Cunha (Livro de Actas da Casa do Povo de Moreira do Lima, 18 de Novembro de 1938).



■ A banda do Maestro Francisco, também conhecido por Maneta.

Todavia, como os tempos eram difíceis *“foi resolvido que: visto não haver capital preciso para aquisição dos fardamentos, se tomasse a juro o dinheiro preciso para tal fim, e que os componentes da mesma banda se comprometessem em todos os serviços que executassem a descontar o que fosse resolvido por esta Comissão de acordo com os seus directores Daniel da Cunha Pereira da Cunha e Manuel Gomes da Cunha”*<sup>6</sup>. Daniel sabia que as coisas estavam a tomar rumo. Em 29 de Fevereiro de 1939 é nomeado, por unanimidade, para reger a futura banda e organizar a escola de música, que eles chamavam de aula de música<sup>7</sup>. Através da mesma acta, ficamos a saber que foram entregues à Comissão Organizadora: *“o estramental, e mais pertenças da eis Banda de Moreira do Lima e foi resolvido que se procedesse ao inventario e que e o seguinte: dois contra-baixos, um barítono, três trombones, uma trompa, dois saxofones, três cornetins, uma requinta, uma flauta, cinco clarinetes, duas tarólas, um bombo, dois jôjos de pratos, arquivos com diverças musicas, mais pertenças, bancos estantes, caixote para condução de musicas etc”*. E todos estes instrumentos não eram para ficar guardados, mas sim para distribuir

por todos os músicos desde que *“assignassem a declaração em que se responsabilisam pela sua conservação”*<sup>8</sup>. Parece que todos os envolvidos tinham uma ânsia de decidir depressa para que a banda regressasse o mais rápido possível. Faltava apenas definir o enquadramento legal na Casa do Povo. Procedimento que teve lugar nos meses seguintes.

Verão de 1939. Dia 23 de Julho, Daniel Leones, Manuel Vieira Leones, António Fernandes, José de Sousa Leones, José Manuel Pedro, José Joaquim da Cunha, reúnem para aprovar as contas da Comissão Organizadora e para deliberar sobre a organização da Secção Musical<sup>9</sup>. Sobre este último assunto, que é o que nos interessa, ficou decidido que *“com proposta e consentimento do Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, em Viana do Castelo, se criasse dentro da Casa do Povo de Moreira do Lima a Secção Musical”*<sup>10</sup>. Todavia os membros da Comissão alertavam para o facto de a Casa do Povo não *“esgotar mais as suas receitas em favor da Secção Musical visto ter criar mais algumas que hoje para o futuro a Secção Musical ficasse independente mas parte integrante da mesma Casa do Povo que considerando que os componentes da*

<sup>6</sup> Livro de Actas da Casa do Povo de Moreira do Lima, 30 de Janeiro de 1939.

<sup>7</sup> Livro de Actas da Casa do Povo de Moreira do Lima, 29 de Fevereiro de 1939.

<sup>8</sup> Idem. Ainda ficou «resolvido que seja feita e assinada pelos pais dos que fossem de menor idade uma Declaração em como dão autorização a que façam parte da banda, ou frequentem a aula de música...».

<sup>9</sup> Livro de Actas da Casa do Povo de Moreira do Lima, 23 de Julho de 1939.

<sup>10</sup> Idem

*Banda da Casa do Povo de Moreira do Lima não estão a maioria em condições de ser sócios, todos pagassem como sócios efectivos e que essa receita fosse considerada, juro e amortização de despesas que a Casa do Povo teve com a sua reorganização*<sup>11</sup>.

Todas as propostas foram aprovadas. Por último, foi aprovado o regulamento para a Secção Musical<sup>12</sup>. Estavam, pois, criadas as condições essenciais para a banda ganhar corpo e crescer. A banda tinha, então, um novo nome: Banda de Música da Casa do Povo de Moreira do Lima. Na freguesia, os tempos eram de recomeço, os desentendimentos ficavam para trás. O tempo dos ensaios voltava a ganhar novo vigor. A banda estava finalmente no bom caminho, entrava de novo em marcha.

Na consciência de cada músico criou-se uma certeza e uma fé: a certeza de que os tempos haveriam de mudar e a fé num porvir em que a banda não temeria pela sua existência. No entanto, o tempo das adversidades permanecia porque os recursos financeiros não abundavam. No ano de 1940, a Banda de Música ainda não tinha um espaço próprio para ensaiar. A direcção pagava uma renda de noventa e seis escudos por uma sala a Joaquim José de Morais<sup>13</sup>. Era aí que

se preparavam as actuações e se faziam os futuros músicos. Perante as dificuldades, Daniel Leones resolve transformar a sua mercearia numa sala de ensaios. A taberna do Leones era escura, parecia que uma obscuridade de capela inundava todo o espaço do tecto para o soalho. Mas não havia lugar para a melancolia porque as garrafas, os pipos e os caixotes cheios roubavam o lugar dos retábulos. Por outro lado, o solfejo matava o silêncio sagrado. Naquele lugar morava o comércio mas também o desejo de ser e a alegria de vir a tocar.

Num dos lados da sua loja, a mercearia matava a fome a muitos, quer a dinheiro ou a fiado. No outro lado, a taberna tanto aliviava a sede a muitos como oferecia sonhos a todos aqueles que mais tarde gostariam de tocar na banda. Muitos jovens da freguesia até gostavam de lá ensaiar. Detrás do balcão, Daniel, sempre com a longa vara a bater na madeira, marcava o compasso e dava as primeiras lições aos mais novos. Às vezes servia também para bater nas cabeças daqueles que se atreviam a viajar para fora da loja. Ninguém sabe ao certo quando a mercearia se transformou em casa de ensaios. Porventura, as coisas começaram devagar, a pouco e pouco, sem grande barulho, de forma tão natural, sem que os

<sup>11</sup> Idem

<sup>12</sup> Do regulamento aprovado constavam os seguintes artigos: 1º E criada a «Secção Musical» da Casa do Povo de Moreira do Lima; 2º São sócios da Banda da Casa do Povo de Moreira do Lima todos os componentes da mesma, estejam ou não, em condições de ser sócios da Casa do Povo de Moreira do Lima; 2ª São considerados para efeitos de pagamento a Casa do Povo sócios efectivos pagando como tal a cota correspondente (1\$00) por mês residam ou não na área desta freguesia e tenham ou não idade regulamentar; 2ºb Fazem todos os serviços musicais da Casa do Povo que a Direcção da Secção Musical lhes ordenar; 3º A Direcção é composta de três ou cinco membros; 3ª E eleita pelos componentes da Banda: 3ºb A eleição é em Dezembro; 3ºc E entregue o resultado da eleição até ao dia vinte inclusive à Casa do Povo; 4º A Direcção compete-lhe e é responsável pela conservação e guarda dos artigos distribuídos, a fiscalização das contas e pagamentos, a fiscalização das cotas da casa do povo; 5º A Direcção da Secção Musical e avisada dos serviços musicais a prestar a Casa do Povo com antecedência de quinze dias, e no caso de haver outros contratos musicais ficam a responsabilidade da Direcção da Casa do Povo; 5ª E permitido a Banda ter o seu fundo social; 5ºb Para ser componente da banda da Casa do Povo tem de assignar um compromisso de honra de que fazem parte da Banda por um ano ou mais; 5ºc Para ser componente da Banda terá que fazer proposta

por escrito a Direcção da Secção Musical, assignada ou confirmada pelo Regente ou Director; 6º Não podem ser eleitos membros da Direcção da Secção Musical os que não tivessem as suas cotas pagas em dia a Casa do Povo; 7º A Direcção da Secção Musical nomeia os Regentes e Directores. Este regulamento é parte integrante da acta, de 23 de Julho de 1939, da Casa do Povo de Moreira do Lima.

<sup>13</sup> Livro de Actas nº 1 da Casa do Povo de Moreira do Lima, acta de 30 de Março de 1940.

fregueses se apercebessem da mudança. Milho aqui, feijão ali, grão acolá e música por todo o lado. Até parece que tinha sido sempre assim. A música fazia parte dos dias do movimento da mercearia. A partir de então, o estranho seria não ouvir os candidatos a músicos, enquanto se comprava uma posta de bacalhau ou se bebia um copo de vinho. As coisas até corriam bem. Os clientes não fugiram e, assim, o Maestro já tinha uma razão para continuar com os ensaios, que seriam a garantia de futuro da banda.

A partir de então, o que era preciso era afinar porque as romarias, os coretos e o povo desejavam uma banda forte, capaz de contribuir para o orgulho da terra, que era um vigorante colectivo essencial, nesses tempos de dificuldade. Festa após festa, a fama da banda continuava a elevar-se. O Verão trazia o desejo da música e as actuações multiplicavam-se. Os tempos correram, tocou-se em muitas festas. Mal acabávamos de ouvir a voz esgallhada do homem do altifalante, estalavam os foguetes e a banda iniciava a marcha para acompanhar a procissão. Foi sempre assim. O mundo da banda de Moreira ganhava vida, fervilhava de possibilidades e de mistérios; podia ser grande, ou apenas pequeno, no fundo poderia ser

aquilo que os músicos quisessem. Estes quiseram que fosse grande.

Por entre os dias, a vida lá ia correndo na freguesia, entre o amanho das terras e das vinhas e com os ensaios à noite. Mesmo quando a banda não tocava, parecia que a música se escondia no silêncio. Nesta existência de bulício, de dias grandes e pequenos, de dias de coragem e desalento, os anos passaram. Leones foi envelhecendo ao mesmo tempo que a banda crescia. Cresceu tanto que parecia não caber nas almas de todos os músicos. Durante as décadas de quarenta, cinquenta e sessenta a banda tocou em muitos lados, percorreu muitas terras; tocou menos bem e tocou até arrancar os mais vivos aplausos. Todos os músicos queriam prolongar este tempo, mas sabiam que não era possível. Lutar contra o tempo é tarefa vã. A luta contra a realidade só contribuía para o despertar da angústia.

Mas, sem dar conta, os músicos prosseguiam com ardor a sua obra, não esmoreciam perante as contrariedades. A música escorria dos seus sentidos sobre a banalidade dos dias felizes e monótonos para encontrar um impulso febril nos dias de festa, quando o ritmo das estações podia fugir ao tempo



■ A banda na actualidade.  
O Maestro Francisco Lima,  
na primeira fila, é o quarto  
a contar da esquerda.

<sup>14</sup> Acta nº 1: Aos dois dias do mês de Fevereiro do ano mil e novecentos e oitenta e seis, pelas dez horas da manhã na sede da Junta de Freguesia de Moreira do Lima de Moreira do Lima, Distrito de Viana do Castelo reuniram-se – Carlos Alberto Rodrigues Meira Amorim; José Caridade Pires; Manuel Pedro Margarida; Manuel Miguel Fernandes Lourenço; Manuel de Lima Vaz; Alexandre Rodrigues Lima; José Lima Leones e restantes elementos que compõe a Banda como o fim de fazer ressurgir a antiga Banda de Música com os mesmos estatutos internos por que se fazia reger ficando para nova reunião a alteração dos mesmos sendo esta denominada a Sociedade Musical e Recreativa Moreirense. Iniciada a sessão foi nomeada uma Mesa Provisória a fim de dirigir os trabalhos, constituídos por Carlos Amorim e José Lima Leones, respectivamente: Presidente e Secretário. Seguidamente o Presidente da Mesa apresentou a seguinte proposta: 1º - Que a Banda mantivesse o mesmo nome; 2º - A Junta de Freguesia, Direcção da Casa do Povo ficassem com os organismos responsáveis pela mesma; 3º. Que fosse nomeada uma «Comissão» digo uma Direcção Técnica; 4º- Essa Direcção Técnica competiria dirigir a parte artística e de secretaria; 5º- Que fosse criado um Conselho Geral, constituído pelos Presidentes dos dois Organismos e pelo Presidente da Direcção Técnica cabendo a esta a Coordenação e Administração da Banda. Esta proposta foi apresentada tendo sido aprovada por unanimidade.

dos campos. Mas tudo o que cresce também pode definhar. E foi isso que aconteceu. A banda entra em declínio progressivo, até ao silêncio dos instrumentos. Tinham passado um ror de anos. Estávamos no ano de 1975. A morte do Maestro Daniel Caetano da Cunha Pereira Leones abriu dissidências na instituição. Novamente os caprichos e as desavenças entre os músicos provocaram uma crise que dificilmente seria ultrapassada. Somente o passado das alegrias poderia fornecer o ânimo para combater um pousio que ganhava terreno com o fugir dos dias. Para o povo tudo acabara ou parecia acabar. Mas os músicos tinham dificuldade em acreditar naquilo que era inevitável. Com o desaparecimento do Maestro cumpria-se um dos ciclos da vida da banda. Neste melancólico desfolhar de tristeza, apenas persiste a esperança de continuar. Por maior que fosse a tristeza, era raro que alguém pensasse em desistir. Contudo, o fim aproximava-se, a banda parecia que entrava num caminho que ao fundo tinha um muro. O indesejável aconteceu: a banda entrou em silêncio. Era em potência a sua negação. Os músicos eram homens de olhos feridos, dentro deles trepava a memória sentimental dos dias felizes de outrora.

Depois da banda desaparecer, as horas estagnadas

da aldeia custavam mais a passar. Nem viva alma se via junto da casa dos ensaios. O silêncio tomou conta da freguesia. A toda a largura, a melancolia das festas idas regressava à aldeia. Os dias transcorriam quase sempre iguais. Só as festas, ou outros acontecimentos, alvoroçavam a gente. Mas que seria das festas da terra sem banda? Talvez seria necessário recorrer aos serviços de fora. Tanto talento se perdia, no meio de tanto tempo morto. Era, pois, necessário quebrar a imobilidade e o silêncio. Inquietos, pelo modo como a banda tinha desaparecido, alguns homens de Moreira tomaram a decisão de fazê-la renascer. Todos sabiam que a vida não parava e que estava sempre pronta para oferecer novas vitórias.

Em meados dos anos oitenta, graças ao apoio da Junta de Freguesia e o esforço da Direcção da Casa do Povo e de toda a população, a banda ressurgia de novo com a regência de José Domingos Vaz <sup>14</sup>. Neste tempo de transição, de reconstrução, destacou-se ainda o trabalho dos regentes, Manuel Gonçalves e António de Pádua Lima. Hoje a banda conta com 60 músicos, amadores e profissionais, de Moreira do Lima e de várias localidades vizinhas, efectuando cerca de 25 a 30 actuações durante o ano por vários pontos do País <sup>15</sup>. À frente dos seus

destinos estão duas pessoas jovens que cuidam do seu futuro. Lima Pereira é presidente da banda, a regência está a cargo de Francisco Augusto Silva Lima que teve o desafio da criação de uma escola de música, que pretende ser um centro de formação musical capaz de responder aos desafios artísticos da banda. São estes dois homens generosos, mais a juventude e muitos amigos da banda que, hoje, asseguram o desejo de existir, de tocar e fazem cumprir sonho de todos os moreirenses.

Moreira do Lima foi sempre uma terra de grande tradição musical. Maestros distintos, como José Custódio Gonçalves, seu irmão Manuel Gonçalves e Daniel Leones, aprenderam as primeiras notas na banda da terra. O Major Gonçalves foi, durante vários anos, regente de algumas das mais importantes bandas do país e Daniel Leones chegou a maestro da Banda da GNR do Porto. Estes exemplos felizes provam que o sonho está sempre próximo, para tal basta alimentar a fomalha do nosso desejo e responder ao mistério.

A banda está bem viva e cheia de futuro; capaz de enfrentar todas as adversidades. O tempo das recordações termina aqui. Agora é tempo de partir porque a vida, apesar de madrasta, está sempre

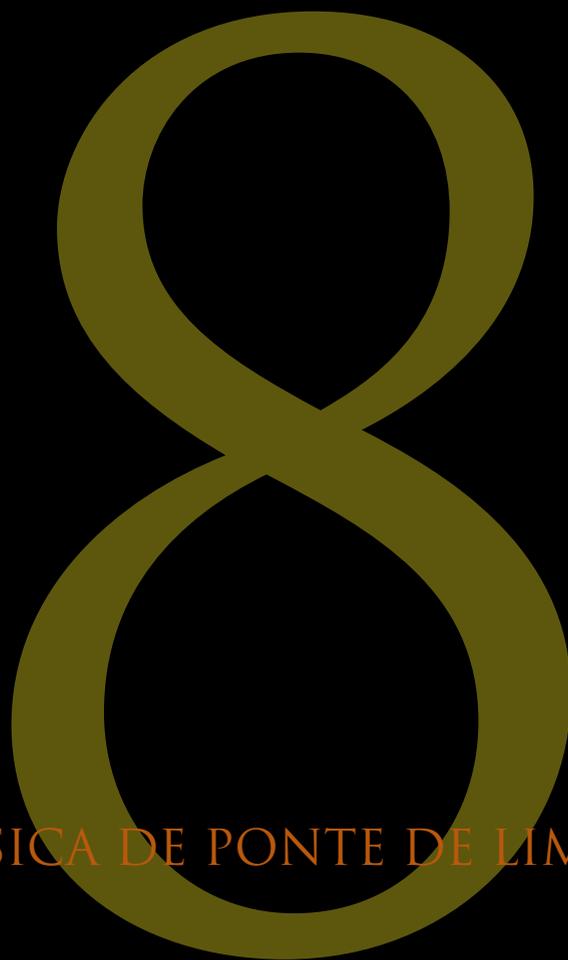
pronta para oferecer novas vitórias. Mas isso é uma outra história.



Passou-se à Eleição da Direcção Técnica ficando assim constituída – Presidente: Carlos Alberto Rodrigues Meira Amorim; Vice-Presidente: Joaquim Lima de Matos; Secretário: João Dias Velho; Tesoureiro: José Lima Leones; 1º Vogal: José Gomes da Cunha; 2º Vogal: Manuel Pedro Margarida; Regente da Banda: José Domingos Vaz. Sendo o Conselho Geral constituído por – Presidente: José Caridade Pires; Secretário: Carlos Alberto Rodrigues Meira Amorim; Tesoureiro: Manuel Pedro Margarida; respectivamente: Presidente da Junta de Freguesia, Presidente da Direcção Técnica e Presidente da Direcção da Casa do Povo. Não havendo mais nada a tratar se encerrou esta reunião, assinando todos os intervenientes. Direcção Geral: José Caridade Pires, Carlos Alberto Rodrigues Amorim, Manuel Pedro Margarida. Direcção Técnica: Carlos Alberto Rodrigues Amorim, Joaquim Lima de Matos, João Dias Velho, José Lima Leones, Manuel Margarida, José Domingos Vaz.

<sup>15</sup> Actualmente a Banda de Música conta com o apoio da Junta de Freguesia de Moreira do Lima, da Câmara Municipal de Ponte de Lima, do Governo Civil do Distrito de Viana do Castelo, do Inatel, da Adegas Cooperativas de Ponte de Lima, do Ministério da Cultura e da população de Moreira e de outras localidades.





BANDA DE MÚSICA DE PONTE DE LIMA



■ A banda no tempo do Maestro António Antunes Ferraz.  
Anos trinta, S. Julião de Freixo.

Aqui lhes apresento a sibilina história da Banda de Música de Ponte de Lima. Mas confesso que temo a traição. A História faz-se com palavras. As palavras vêm dos documentos ou da memória guardada na vida dos homens. Como não existem documentos temos de nos servir do arquivo do coração e da nostalgia, onde repousa a história desta bela instituição que trespassou vidas de muitos homens e chegou até nós. E como os anos foram muitos, receamos trair a verdadeira memória, se é que ela existe. Porém, o reconhecimento da fragilidade, pela ausência de um grande espólio documental, não significa que não se possa escrever uma verdadeira história. Agustina Bessa-Luís até

acredita que *“a má memória é essencial para escrever romances e para os poder viver”*<sup>1</sup>. É natural que a má memória poderá estimular em nós a fantasia, que é uma coisa que facilita a empatia do leitor. Mas como não pretendemos escrever um romance nem fazer uma história positivista, sempre escrava dos documentos e dos factos objectivos, procuraremos apenas fazer a nossa história, entre o compromisso da verdade de quem escreve e da memória de quem lembra e fala. Pensamos, assim, que a abundância de verdade será farta como se cumprirá o intento de juntar pela escrita aquilo que campeia pela memórias daqueles que tocaram e amaram a banda. Assim nascerá a história. Não

<sup>1</sup> Agustina Bessa-Luís, Fanny Owen, Colecção Mil Folhas, Público, p. 10

inventaremos nada; escreveremos, simples, por baixo da memória de alguns ilustres homens que estiveram uma vida ao serviço da instituição.

O tempo do começo entra numa escuridão, num breu de esquecimento que vence todos os esforços que possamos desenvolver para vislumbrar uma janela, por mais estreita que seja, que permita chegar ao tempo da fundação. Apenas sabemos aquilo que os mais antigos falam, quando a memória sentimental trepa dentro deles. As suas memórias escorrem devagar, uma vez que estamos a falar de tempos recuados, onde algumas se perdem nas trações labirínticas do passado. Estas dizem-nos, com uma nostalgia pouco esclarecida, que a banda terá nascido no ano de 1824. Contudo, não vislumbramos prova documental que fundamente tal marco temporal. Após este ano, até ao início do século XX, o limbo persiste, consequência de uma ausência de informação que não permite retratar a evolução institucional. O vazio de informação é tão evidente que parece que mergulhamos numa longa noite escura que se aproxima de um século de existência. No entanto é extremamente provável que até à aurora do século XX, a banda tocasse. Porque não era concebível, ou

pelo menos aceitável, que durante todos estes anos a banda estivesse calada. Este “*ninho de beleza, berço de fidalgos e poetas*”<sup>2</sup>, não podia aceitar que a vila não tivesse a sua banda, quando nos arredores elas pululavam e mantinham intensa actividade.

Do século XIX, somente sabemos um pouco da vida de um dos grandes músicos da banda. Chamava-se Domingos Vaz, mas na terra era conhecido como Domingos Flautim. Nasceu no ano antigo de 1886 e viveu a sua infância no seio de uma família com fortes tradições musicais. Com apenas 12 anos ingressa no grupo dos instrumentistas, na altura o regente Manuel Fernandes, que todos na terra tratavam por Bernardota, apercebeu-se que o rapazinho tinha uma inclinação especial para a música. Como seria de esperar, rapidamente ascendeu a um lugar de destaque entre os seus pares. Chegaram acenar-lhe com grandes contratos mas a todos disse não. Preferiu sempre manter-se fiel à banda e à sua terra<sup>3</sup>.

Ao abrir o século XX Ponte de Lima parecia estar sozinha no mundo, na sua quietude verde. Enquanto o jogo das diplomacias europeias minava a crença cega no progresso, filha da tradição

<sup>2</sup> Conde de Aurora, Roteiro da Ribeira-Lima, Associação Para a Defesa do Ambiente e do Património Cultural de Ponte de Lima, Ponte de Lima, 1996, p. 116

<sup>3</sup> Na mesma notícia sabemos que Domingos Flautim tinha 77 anos de idade e ainda continuava ao serviço da banda. Não conseguimos saber a data da edição do Cardeal Saraiva porque são apenas recortes de página. Todavia, através dos marcos temporais da vida do sr. Domingos, sabemos que o jornal é do ano de 1963.

iluminista, Domingos não fazia ideia do que estava em causa. Tinha apenas algum receio. Mas se algum deste receio já fazia parte das crónicas de alguns articulistas da imprensa regional, para ele tudo se passava no outro lado do mundo. Além do mais, os problemas da banda absorviam o pensamento de quase todos. Eram homens simples que nem dinheiro tinham para comprar um uniforme airoso ou instrumentos decentes. Os instrumentos novos, muitas vezes, eram uma obsessão. E até era compreensível. Se não ajudavam na execução, pelo menos aumentavam o brilho da banda.

Entretanto com a morte do Bernardota, passa António Antunes Ferraz a dirigir a banda. Com este novo regente, Domingos Flautim conheceu grandes triunfos. Ferraz era, na verdade, um autêntico devoto pela banda, fazia todos os sacrifícios para ultrapassar as dificuldades dos dias e manter o entusiasmo dos seus homens, quando na altura, pela falta de músicos, todas as bandas das redondezas disputavam os músicos. E neste tempo de agrura quantas vezes umas malgas de vinho e algumas postas de bacalhau bastavam para captar a simpatia de algum músico pouco fiel. O Ferraz era solicitador, mas os antigos dizem que ele gostava

muito mais da música. Foi, portanto, com alguma mágoa que teve de deixar a regência. Mais tarde já em plena década de trinta regressará novamente à instituição. O lugar vazio será ocupado pelo célebre maestro José Gonçalves Meireles, que foi sempre conhecido por este último nome. Meireles, 1º Sargento Músico da Banda de Infantaria nº 8, de Braga, é considerado por todos como aquele que trouxe a arte para dentro da banda. Como músico profissional introduz métodos de ensino que vão revolucionar completamente a aprendizagem musical<sup>4</sup>. Todos músicos e dirigentes reconheciam as suas capacidades. Mas este vivia da música e como tal somente estava ao serviço da instituição quando havia dinheiro. José Pereira de Sousa, mais conhecido por Mónica e um dos grandes regentes que a banda teve, conta-nos, nas suas simples palavras, que *“o Meireles tanto vinha como ía”*, sempre a comando do dinheiro que os amantes da banda conseguiam reunir. Mas quando estava à frente da regência, Meireles foi sempre um homem que se preocupava com a banda. Aos poucos, foi-se afeiçoando pela terra e pelos seus músicos que faziam todos os esforços para representá-la bem. Estávamos na década de vinte. A banda passa por

<sup>4</sup> O senhor Amândio, antigo músico da banda, relata-nos uma situação engraçada, que já era indiciadora dos seus intentos. Mal chegou a Ponte de Lima perguntou aos músicos o que eles mais tocavam. Estes responderam - Os Palhaços. Com um sorriso rasgado, disse-lhes: palhaços são vocês, isto, agora, é a sério. Era um homem que inculca coragem aos músicos. Dizia que o medo era o primeiro inimigo da execução.

tempos tão difíceis que nem dinheiro havia para o fardamento dos músicos. A solução para suprir tal necessidade, passou, na altura, pela incorporação da Banda nos Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima. Agora, os homens já sentiam os olhares alheios do respeito que vinha de fora. Todavia, a integração na instituição durou pouco tempo. Desentendimentos, entre o Sargento Meireles e o Presidente dos Bombeiros, estimularam uma dissidência que acabou na secessão. Esta aconteceu por coisa que não vale a pena falar. Aconteceu. Foi triste a separação mas os músicos tinham ganho uma farda.

A farda, aparentemente, não era mais do que um conjunto de panos cosidos entre si. Mas no fundo era muito mais do que isso. Era a identidade, a marca do espírito institucional, a sensação de corpo, espírito de pertença. Sem ela não formavam uma banda, mas um conjunto de músicos. E isso era o que eles não queriam ser. O vestuário dava a gravidade marcial que impressionava tanto como a bela execução musical. Fardados os músicos alteavam o peito, ganhavam uma importância que não tinham na vivência quotidiana. Mas a vestimenta, apesar de espelhar uma realidade

nova, não contribuiu para a consolidação de um profissionalismo desejado. Na época a banda entrava frequentemente em períodos de hibernação, tanto ensaiava como não ensaiava. Os homens chegavam a ter saudades dos ensaios certos e das festas grandes que traziam as batalhas de coreto. Mas não havia nada a fazer. Neste tempo morto, de indefinição, o Mestre Mónica conta-nos que o seu pai, Manuel Pereira da Cunha, teve um papel importante. A banda não tocava mas ele abria as portas de sua casa para ensaiar os mais pequenos, que foram: *“a semente que mais tarde na década de trinta deu frutos, quando a banda voltou à vida”* <sup>5</sup>.

Nos anos trinta sabemos pelo Cardeal Saraiva que a *“Banda dos Artistas desta Vila, através dos maiores sacrifícios e de múltiplas dificuldades, tem conseguido manter-se, no propósito de recuperar a reputação de que em tempos não distantes usufruía, convidou o regente Luís Muñoz, que já iniciou os primeiros ensaios, sendo possuidor, ao que nos consta, das qualidades indispensáveis para desempenhar com a mestria que exige a arte musical”* <sup>6</sup>. O novo maestro estava disposto a mostrar trabalho. Passou apenas um mês e

<sup>5</sup> Palavras recolhidas da boca de um dos mais ilustres maestros da banda.

<sup>6</sup> Cardeal Saraiva, 4 de Fevereiro de 1933.



■ A banda no tempo do Maestro Mónica. 31 de Agosto de 1947, Monção, margens do rio Minho.

poucos dias e o Muñoz já arruava entre as casas dos “vereadores da municipalidade e tocando em frente da nossa redacção, seguindo depois para Sá, a saudar o nosso distinto conterrâneo e actual administrador interino do Concelho, sr. António de Araújo Mimoso”<sup>7</sup>. Na parte de tarde, tocaram no coreto da Praça da República para o povo da vila. Muñoz estava deseioso de tocar, que era também uma forma de arrecadar mais cedo o seu salário,

que tanta falta fazia nesta altura de melancolia económica. Os efeitos da crise de 1929 tinham lançado o mundo numa depressão que saiu da economia para se meter na vida das pessoas. Ponte de Lima não era excepção, os tempos eram difíceis.

Actualmente, ninguém sabe muito bem quem foi este ilustre espanhol. Alguns relatam que foi apenas um homem que procurou melhorar

<sup>7</sup> Cardeal Saraiva, 10 de Março 1933

as condições da sua existência. Vivia tantas dificuldades que chegava a andar vestido com a farda da banda. Como não conseguiu melhorar a sua situação financeira, somente esteve dois ou três anos à frente da instituição. Acabou por partir para o sul, para Torres Vedras. Nunca mais se ouviu falar nele – contou-nos Mónica. De novo, Meireles regressa à banda para evitar que a saída do espanhol abrisse novo vazio no seu interior. Estará à sua frente, mas por poucos anos. Ninguém sabe precisar o que aconteceu, partiu tão facilmente como tinha chegado. Mas deixou os seus ensinamentos que, ainda hoje, são reconhecidos por aqueles que aprenderam com ele. Era preciso um outro salvador. Alguns amigos da banda pedem o regresso urgente do regente Ferraz. Até porque todos sabiam que uma paragem prolongada poderia suscitar o esmorecimento dos músicos ou mesmo a debandada para outras bandas. Ferraz entra de novo para a regência, apesar da sua idade avançada. Sabia que esta não tinha posses para ocorrer com facilidades às despesas, mas estava regalado com esta nova oportunidade de voltar à regência. Mais uma vez cabia ao regente Ferraz e aos seus companheiros a sorte de alimentarem

o sonho de um futuro radioso. Estávamos nos primeiros anos da década de quarenta, a velhice já tinha descido sobre o velho maestro. Resignado e com poucas forças, conta, muitas vezes, com o apoio de dois homens que o substituem na sua ausência. Tanto Bernardota <sup>8</sup> como Franco, os contra-mestres substitutos, teimavam em resistir à frente de um punhado de músicos. Graças a eles a banda escapou a um fim, tantas vezes anunciado. Não eram músicos de excelência, mas o amor que tinham à música foi suficiente para evitar a tristeza do acabar. O Franco tinha a doença do sonho, ciciou-nos o Maestro Mónica, com um sorriso de ironia. Quando íam para as festas com o Franco a reger, os olhos dos músicos andavam de um lado para o outro, tanto estavam pousados na pauta como espreitavam por cima dela para ver se o mestre não adormecia. Quando os seus braços perdiam energia, surgia sempre alguém a picá-lo para evitar que caísse nos braços de Morfeu. Este reagia com desagrado porque considerava sempre que estava desperto e atento; não queria reconhecer que era possível adormecer enquanto regia. Estaríamos mais contentes se púdessemos transmitir nestas páginas a alegria, o entusiasmo,

<sup>8</sup> António era o seu primeiro nome. Sobrinho do Manuel Fernandes, também conhecido por Bernardota, tinha regido a banda na segunda metade do século XIX, como já escrevemos anteriormente.

a maneira de sentir, mas também a tristeza, a melancolia e o desânimo que tantas vezes tentaram dobrar a vontade de ser do Bernardota e do Franco. Nada os derrotou, apesar de tudo; foram sempre homens humildes que enfrentaram o drama de ver a banda acabar. Pouco tempo passou e o regente Ferraz partiu. O tempo cumpriu o seu papel.

Um novo tempo acabou por dispor as circunstâncias de maneira a realizar o desejo de um músico dotado, que nunca teve medo do sonho. O sonho de reger a banda do seu coração. Com apenas vinte e poucos anos, José Pereira de Sousa, conhecido pelo nome de Mónica, assume a regência <sup>9</sup>. Nesta altura já se adivinhava a derrota do III Reich. Estava perto de terminar um dos períodos mais negros da história da humanidade. A barbárie agonizava. Convém no entanto dizer que as preocupações do jovem maestro não estavam na política externa mas sim no destino da sua banda. Mónica estava, de facto, vazio de outros pensamentos que não fossem o de engrossar as hostes pela formação musical e o de preparar a banda para os despiques das festas. Afinal, eram estas as razões da sua existência. Nestes primeiros tempos, Mónica estava consciente das suas

capacidades e do seu génio, porém, dava-lhe para a contemplação e passava horas sozinho a pensar no futuro da banda. Não era fácil dirigir músicos amadores que todos os dias tinham de cavar o seu pão. O maestro sabia que a fome, o desejo de sobreviver, estavam sempre à frente da música. O que não impedia, todavia, de fazer a banda melhor, maior e conseqüentemente mais respeitada.

Mónica, tal como Meireles, fazia parte de uma geração de regentes que revolucionaram completamente a arte de ensinar no seio da banda. Pela primeira vez, os músicos ensaiavam por naipes durante a semana. O fim-de-semana estava reservado aos ensaios gerais com todos os músicos. O Sr. Armando Fernandes da Silva, conhecido por toda a gente da vila por Amândio, contou-nos, que isso: *“foi uma verdadeira mudança porque o ensaio por naipes punha a descoberto os nossos erros e assim conseguíamos melhorar e aperfeiçoar os nossos dotes. Era outra coisa”*, remata <sup>10</sup>. O maestro Mónica era um músico dotado, um pensador, um homem de elevada criatividade. Era exigente com os seus músicos, mas também era conhecido pelo seu carinho e afecto. Durante a sua primeira regência a banda passará

<sup>9</sup> Mónica, nome de família, nasceu em 1921. Ingressou na banda nos princípios dos anos trinta, no tempo do regente Muñoz. Hoje com 84 anos é uma memória viva que ainda vibra com recordação dos belos tempos que passou na banda, quer como músico quer como regente.

<sup>10</sup> O Sr. Amândio nasceu em 1922. Era parente de Bernardota, um dos músicos que por diversas vezes ocupou a regência da banda. Entrou para a banda no ano de 1943. Neste tempo o maestro era António Antunes Ferraz.

por alguns momentos triunfais. A devoção ao ofício impressionava os músicos ao mesmo tempo que aprofundava uma alegria maior em todos eles. Em 1950, Mónica parte para Lisboa para ingressar na Banda da GNR. Partiu, deixou Ponte de Lima. Mas o amor pela música e pela banda ficou, para sempre, plantado no coração dos seus músicos. A Banda trilhava, então, um caminho seguro.

Nos primeiros tempos, Mónica confessa que teve algumas dificuldades de adaptação à vida militar e ao ambiente da capital. Mas o seu desejo de aprender era mais forte. A vida militar era antes de mais vida artística. Pela primeira vez, tinha oportunidade de aprofundar e desenvolver os seus conhecimentos musicais. Estava finalmente no sítio certo e tinha de aproveitar. E foi o que aconteceu. Aprendeu, tocou em sítios importantes e conheceu muitos países estrangeiros. Foram anos, ainda hoje reconhece, de intensa formação musical. Chegou a ser Fagote Solista da Orquestra Sinfónica de Lisboa. Neste período da sua vida era também constantemente requisitado para tocar em algumas produções operáticas e teatrais. O seu desempenho musical ultrapassava de longe o lugar hierárquico que conseguiu dentro da GNR,

onde obteve a patente de 1º Sargento.

De regresso a Ponte de Lima, coube a Gualdino Teófilo Pinheiro a sucessão na condução da banda. Pinheiro ficará, indelevelmente, ligado a uma das mais longas regências na história da banda. Graças a ele, esta entra numa fase de aprumo, não fosse o regente, militar de carreira. A harmonia, a coesão, a suavidade e a obediência à batuta criaram um novo estilo e insuflaram nos músicos o brio de pertencer à banda. Os músicos faziam todos os sacrifícios por ela. Relata-nos, o Sr. Amândio que no *“tempo do Pinheiro ensaiávamos na Lapa, na Antiga Casa da Roda, à luz das candeias de petróleo. Muitas vezes tínhamos dificuldades para ler as pautas. Mas eram tempos belos”*, recorda. No fio das recordações, Amândio lembra uma cena real que aconteceu numa festa em Paredes de Coura, que aqui passamos a contar.

Anos cinquenta. Resende. Freguesia de Paredes de Coura. A Festa da N.ª Senhora Piedade era uma das maiores do concelho. Muito conhecida pelas grandes bandas que costumava contratar. Era Setembro. O mês estava no princípio mas já se cheirava o açúcar das uvas no ar. A procissão tinha terminado. Nos coretos, a Banda de Ponte de



■ A banda no ano de 2003.  
A direita o actual maestro:  
Major José Custódio Gonçalves

Lima e a Banda de Lanhelas preparavam-se para o combate musical. A Banda de Lanhelas entrou e arrancou uma gritaria de aplausos que deixou intimidados os músicos de Ponte. Não tanto pelo virtuosismo da execução mas pela novidade do carrilhão, que nesta altura era raro e dava assim um carácter exótico. O povo adorava este complexo instrumental. O carrilhão era simplesmente um

carrilhão, mas como nem todas as bandas tinham dinheiro para o comprar, este era exibido como marca de força, de poder e de distinção. Ou seja, no tempo da fome qualquer elemento de riqueza, de abundância, por mais superficial que fosse, era causa de impressão. Neste contexto, os elementos da banda de Ponte de Lima tinham de arriscar ainda mais para colocar o público do seu lado porque a

não acontecer, seria uma completa humilhação. O Sr. Amândio, com um sorriso inesquecível, contou-nos que os músicos pediram ao Maestro Pinheiro para este deixar o coreto. A banda tocava a Oitava Rapsódia, de Ribeiro Dantas, sem o maestro com timoneiro. Se acrescentarmos que a peça era de difícil execução, a situação ainda era mais arriscada. Estão todos malucos – disse Pinheiro ao deixar o coreto, de braço no ar a barafustar. Estão todos malucos – repetia. Mas lá saiu, contra a sua vontade.

O público espantado pela ousadia da banda, mergulhou em completo silêncio. Só haviam duas saídas possíveis: a glória imortal ou a vergonha do desaire. O maestro encostado a um balcão improvisado de uma tasca, dava pequenos goles na sua cerveja morna, enquanto olhava para a ousadia dos seus músicos, com um nervosismo que procurava disfarçar com um sorriso. Mas por dentro, o coração batia-lhe num rebate de sino. No coreto, o contra-mestre António Armada, com sinais disfarçados lá conduziu a banda ao triunfo. Mal terminou o tema, foi o delírio total. Voaram chapéus, os aplausos foram tão intensos e vivos que os músicos de Lanhelas abandonaram o coreto. A

partir desse momento, a festa pertenceu, por inteiro, aos músicos de Ponte de Lima <sup>11</sup>. A façanha ficou eterna. Ainda hoje permanece viva na memória de alguns que tiveram o privilégio de lá estar.

No ano de 1957, Pinheiro deixou a regência por um curto período. Mónica, contou-nos, que tinha partido para a Índia. Como militar de carreira teve de servir o seu país, numa altura em que os gritos de independência ameaçavam a essência orgânica da nação e a sua missão histórica de possuir territórios ultramarinos. Em caso algum, Salazar encarava a possibilidade da efectiva auto-determinação das nossas possessões. Não restava, pois, lugar para o diálogo nem para a negociação. As armas eram o único instrumento para sair deste impasse. O tempo veio mostrar que o esforço foi inglório. Não se pode lutar contra a História. O maestro teve de partir para servir a nação. Na altura quem tomou conta da regência foi o mestre Diogo de Oliveira <sup>12</sup>. No Cardeal Saraiva, do ano de 1957, podemos ler que este deu nova vida à banda, *“criou estilo interessante, ensaiou com amor e saber e os resultados dessa persistência estão à vista. Triunfos e mais triunfos. De todos os lados choveram contratos e não*

<sup>11</sup> O Sr. Amândio confidenciou-nos que muitas vezes o êxito era mais fácil de conseguir fora de Ponte de Lima. Em Fontão era comum os naturais apoiarem sempre mais a banda de fora, o que muitas vezes dava molho, segundo as palavras do mesmo.

<sup>12</sup> Não tivemos oportunidade de confirmar esta informação. Apenas temos como fonte a memória do Maestro Mónica. A entrada do Diogo de Oliveira é confirmada através de uma notícia publicada no Cardeal Saraiva de 2 de Outubro de 1957.

*tem havido mãos a medir*"<sup>13</sup>. Mas esteve pouco tempo na regência porque o Pinheiro regressou novamente ao comando da instituição; voltou também ao tempo das grandes alegrias e ao tempo do desencanto. Em 1965 a banda entra de novo em dificuldades, apesar dos muitos contratos. Tudo sucedeu porque um grupo de músicos resolveram sair num momento crítico. Ao mesmo tempo fazia com que outros não comparecessem nos ensaios<sup>14</sup>. Talvez por tudo isto, seja mais fácil compreender a sua saída. Através do Cardeal Saraiva, de 20 de Janeiro de 1967, sabemos da sua retirada, todavia, tal como o jornalista que escreveu a notícia, *"desconhecemos totalmente as causas do abandono, mas sejam elas quais forem, vai fazer muita falta ao considerado agrupamento que tanto tem honrado a nossa terra"*, conclui o mesmo. O Maestro sabia que tinha chegado o seu tempo. O seu legado era suficiente para a banda não adormecer. Pinheiro deu muito à banda, foi um dos homens que contribuiu decisivamente para a consolidação da instituição.

Nos inícios dos anos setenta, Mónica, ainda sem fazer cinquenta anos, regressa sua terra natal. Estava cansado da vida militar que, segundo

o mesmo, asfixiava a criatividade. Quando *"tive oportunidade fugi, pedi a reforma, estava cansado"*: confidenciou-nos. Chegou a Primeiro-Sargento, podia ter ido mais longe, mas preferiu regressar; cheio de entusiasmo e de ternura pela terra e pela música assume de novo a regência da banda. Mónica era um homem diferente, tinha aprendido muito e era naturalmente conhecedor de novos métodos de ensino. O Homem só aprende o relativo, mas ele estava preparado mais do que nunca para a regência da banda. Até meados da década de noventa o ilustre maestro permanecerá à frente desta. Somente nos anos oitenta deixará a banda, embora por pouco tempo, altura em que é substituído pelo regente Viriato que era músico da Banda Infantaria 6. Neste tempo de glória e fama, Mónica e os seus músicos conheceram um dos períodos mais grandiosos e belos da história da instituição. Tanto Mónica como os seus homens viveram a vida por procuração. Amaram, lutaram e tocaram sempre em nome da banda e de Ponte de Lima. Aqui neste lugar da nossa narração, prestamos a todos esses homens a nossa homenagem.

A meio da década de noventa, já com setenta

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Cardeal Saraiva, 22 de Fevereiro, de 1965.

e muitos anos, Mónica deixa a regência da banda. Não o fez pela sua vontade, porque queria continuar com o sonho, mas pela idade que já lhe roubava as forças. Chegava, então, o tempo da despedida, que foi melancólico. Mas a qualquer momento podia renascer o tempo das festas, bastava fechar os olhos e sentir. A partir de então o regente Nunes assume a regência da banda e, inexplicavelmente, esta perde algum vigor até entrar numa paz de silêncio triste. Pouco tempo depois, a regência ainda é ocupada pelo ilustre Maestro Daniel Leones, actual regente da Banda da GNR, do Porto. Mas foi por pouco tempo. Até que um dos maiores regentes, do panorama nacional, das bandas filarmónicas entra para a banda <sup>15</sup>. Estamos a falar do Major José Custódio da Silva Gonçalves que, em 2001, aceitou a regência, a convite do Exmo. Presidente da Câmara Municipal, Eng.º Daniel Campelo. Neste momento encontra-se em plena actividade filarmónica, como maestro.

Com o Major Gonçalves a alegria e o cheiro da festa invadem de novo as ruas da vila. É Setembro, as bandeiras flutuam presas no gradeamento das sacadas das casas. Os animais já estão há muito tempo sem comer, pensam alguns. Todavia o

tempo é de celebração. Somente quando a festa ficar aguada é que regressarão. Do Largo Camões chega o som que parece longínquo. Sentimos que é o som de uma música muito conhecida. A Banda acaba de entrar, estoiram os foguetes, as pombas levantam vôo dos telhados e começam a rodopiar nos céus. Nas ruas estreitas, espreitamos nas portas e ouvimos as concertinas, ao mesmo tempo que as malgas de vinho pousam em cima do balcão. Por pouco tempo, uma mão ávida de sede abraça-a de novo. É tempo de festa. Viva a Banda de Ponte de Lima e vivam também as Feiras Novas, por muitos e muitos anos, desejamos nós.



<sup>15</sup> Nascido em Estorãos, Ponte de Lima, em 1941, José Gonçalves iniciou, logo aos 9 anos, os seus estudos musicais na Banda de Moreira, com o maestro de então, Daniel Leones –pai do maestro da Banda da GNR do Porto - que pertencia a uma freguesia próxima de Estorãos. O seu primeiro instrumento foi Fliscorne. Mais tarde, já na Banda de Ponte de Lima, optou pelo Bombardino. Nesta Banda viria a permanecer como instrumentista até aos 18 anos.

## AGRADECIMENTOS

Maestros e Presidentes das Bandas de Música

Manuel Miranda da Costa Pereira

Maria do Carmo Dantas Lima

José Pereira de Sousa

Armando Fernandes da Silva

Foto Lethes

